



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ERIKA LEITE FERNANDES

**INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FERRAMENTA DE MEDIAÇÃO DA
INFORMAÇÃO: PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA DA
UFC SOBRE SEU USO NAS PRÁTICAS ACADÊMICAS**

FORTALEZA

2026

ERIKA LEITE FERNANDES

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FERRAMENTA DE MEDIAÇÃO DA
INFORMAÇÃO: PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA DA UFC
SOBRE SEU USO NAS PRÁTICAS ACADÊMICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Linha de Pesquisa 1 Representação da Informação e do Conhecimento e Tecnologia.

Orientador: Prof. Dr. Osvaldo de Souza.

FORTALEZA

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Elaborada por Erika Leite Fernandes – Bibliotecária CRB3 nº1091

-
- F399i Fernandes, Erika Leite
Inteligência artificial como ferramenta de mediação da informação: percepções dos estudantes de Biblioteconomia da UFC sobre seu uso nas práticas acadêmicas/ Erika Leite Fernandes. – 2026.
92 f.
- Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidade, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Fortaleza, 2026.
Orientação: Prof. Dr. Osvaldo de Souza

1. Inteligência Artificial. 2. Mediação da Informação. 3. Educação. 4. Tecnologia. 5. Ensino Superior.

CDD 020

ERIKA LEITE FERNANDES

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FERRAMENTA DE MEDIAÇÃO DA
INFORMAÇÃO: PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA DA UFC
SOBRE SEU USO NAS PRÁTICAS ACADÊMICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Linha de Pesquisa 1 Representação da Informação e do Conhecimento e Tecnologia.

Data: 21 / 05 / 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Osvaldo de Souza (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Arnaldo Nunes da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico este trabalho à minha filha

Mariana

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me sustentado com fé ao longo desse processo, permitindo que cada etapa fosse cumprida com perseverança.

Ao meu pai Otto, que já não está entre nós, mas cuja presença permanece viva em minhas lembranças e no amor que sempre me ofereceu.

À minha mãe Eridan, que ainda está comigo, e mesmo enfrentando os desafios do Alzheimer, e talvez não sabendo mais o significado de concluir um Mestrado, eu sei que, no coração dela, há alegria pelas minhas conquistas.

À minha filha Mariana, anjo que ilumina e dá sentido a minha vida.

Ao meu esposo, Paulo Marcelo, pela admirável paixão pelos estudos e pelo constante incentivo a todos ao seu redor, especialmente a mim, sempre me apoiando e motivando, desde a época do ingresso na minha graduação.

Aos meus irmãos Jeyson e Orfila quero agradecer pela parceria de sempre, é um privilégio saber que nossa união é inabalável e que posso contar sempre com vocês.

Ao meu orientador Prof. Dr. Osvaldo de Souza pela orientação firme, acompanhamento e apoio durante estes meses.

Aos professores Dr. Jefferson Nunes Veras e Dr. Arnaldo Nunes da Silva, membros titulares, por aceitarem participar da banca, pelas valiosas contribuições para a construção e finalização deste trabalho.

Aos professores Dr. Hamilton Rodrigues Tabosa e Dr. Antônio Wagner Chacon Silva, membros suplentes, que mesmo nos bastidores também tiveram papel importante para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos estudantes de Graduação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, que gentilmente aceitaram participar desta pesquisa. A colaboração de cada um foi essencial para a conclusão desta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, agradeço pela oportunidade de vivenciar este Mestrado, aos professores, deixo meu muito obrigado por todo conhecimento compartilhado e estendo este agradecimento à Veruska Maciel, pelo apoio constante.

Aos colegas da Turma 2024, agradeço a parceria, aprendi muito com cada um de vocês.

À Universidade Federal do Ceará, aqui me graduei, é minha casa profissional, local onde todos os dias eu continuo crescendo e celebrando conquistas.

E por fim, a todos os familiares, amigos, colegas de trabalho, que vibraram comigo desde a aprovação no Mestrado e que, de algum modo, me ajudaram a chegar até o fim. Não citarei nomes, porque cada presença e contribuição foi única e igualmente valiosa.

RESUMO

O presente trabalho busca investigar a Inteligência Artificial (IA) como ferramenta de mediação da informação a partir das percepções dos discentes do Curso de Biblioteconomia em uma universidade federal, acerca de seu uso nas práticas acadêmicas, considerando o avanço e a popularização dessas tecnologias no contexto educacional e sua pertinência para uma área diretamente relacionada à gestão, organização, mediação e disseminação da informação. O objetivo geral proposto busca analisar como o uso da Inteligência Artificial se integra às práticas de estudo dos discentes do Curso de Biblioteconomia, considerando suas contribuições, limites e implicações para a formação acadêmica. Para alcançar o propósito geral, os objetivos específicos buscaram: 1) identificar as principais ferramentas de IA utilizadas pelos estudantes de Biblioteconomia da UFC e mapear como elas são empregadas em suas rotinas de estudo e pesquisa. 2) compreender as percepções dos discentes sobre os desafios e riscos associados ao uso da IA. 3) analisar, à luz do referencial da Ciência da Informação, como a IA atua na prática como um agente de mediação implícita, interferindo na organização, acesso e apresentação da informação; 4) discutir as implicações éticas e pedagógicas do uso da IA na formação de futuros profissionais da informação, especialmente no que tange ao desenvolvimento da autonomia ou da dependência informacional. A metodologia caracteriza-se como pesquisa de abordagem qualitativa e finalidade exploratória. O cenário de pesquisa é o Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC), vinculado ao Centro de Humanidades. O *corpus* empírico foi constituído por 10 entrevistas semiestruturadas com estudantes de diferentes semestres do curso. Os dados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo de Bardin. Os resultados evidenciam que os discentes utilizam diversas ferramentas de IA principalmente para síntese de textos, otimização de tempo e apoio à compreensão de conteúdos. Constatou-se uma percepção ambivalente: se por um lado a IA é vista como um assistente ágil e eficiente, por outro, gera preocupações éticas relacionadas ao plágio, à confiabilidade das fontes e ao risco de dependência informacional e atrofia do pensamento crítico. Conclui-se que a IA atua como um agente de mediação implícita que reconfigura o acesso à informação, exigindo do futuro bibliotecário o desenvolvimento de competências para uma curadoria crítica e ética, reafirmando a insubstituibilidade da mediação humana no processo de validação do conhecimento.

Palavras-chave: inteligência artificial; mediação da informação; educação; tecnologia.

ABSTRACT

This study aims to investigate Artificial Intelligence (AI) as an information mediation tool, based on the perceptions of students enrolled in the Library Science program at a federal university regarding its use in academic practices, considering the advancement and popularization of these technologies in the educational context and their relevance to a field directly related to the management, organization, mediation, and dissemination of information. The proposed general objective seeks to analyze how the use of Artificial Intelligence is integrated into the study practices of students in the Library Science program, considering its contributions, limitations, and implications for academic education. To achieve this general purpose, the specific objectives sought to: 1) identify the main AI tools used by Library Science students at UFC and map how they are employed in their study and research routines; 2) understand students' perceptions of the challenges and risks associated with the use of AI; 3) analyze, from the perspective of Information Science, how AI acts in practice as an implicit mediating agent, interfering in the organization, access, and presentation of information. 4) To discuss the ethical and pedagogical implications of using AI in the training of future information professionals, especially regarding the development of informational autonomy or dependence. The methodology is characterized as qualitative research with an exploratory purpose. The research setting is the Library Science Course at the Federal University of Ceará (UFC), linked to the Center for Humanities. The empirical corpus consisted of 10 semi-structured interviews with students from different semesters of the course. The data were analyzed using Bardin's Content Analysis. The results show that students use various AI tools mainly for text synthesis, time optimization, and support for content comprehension. An ambivalent perception was found: while AI is seen as an agile and efficient assistant, it also generates ethical concerns related to plagiarism, the reliability of sources, and the risk of informational dependence and atrophy of critical thinking. It is concluded that AI acts as an implicit mediating agent that reconfigures access to information, requiring future librarians to develop skills for critical and ethical curation, reaffirming the irreplaceability of human mediation in the knowledge validation process.

Keywords: artificial intelligence; information mediation; education; technology.

LISTA DE SIGLAS

ALS	<i>Adaptive Learning Systems</i>
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CI	Ciência da Informação
DL	<i>Deep Learning</i>
EDM	<i>Educational Data Mining</i>
IA	Inteligência Artificial
ITS	<i>Intelligent Tutoring Systems</i>
LA	<i>Learning Analytics</i>
ML	<i>Machine Learning</i>
PPC	Projetos Pedagógicos de Curso
SBBD	Simpósio Brasileiro de Banco de Dados
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDIC	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFCA	Universidade Federal do Cariri
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Ferramentas de Inteligência Artificial	44
Quadro 2 - Fundamentação Teórica da Pesquisa: Temas, Subtemas e Autoria	51
Quadro 3 - Adequação do Roteiro com os objetivos específicos	54

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1	Tecnologias aplicadas à educação	18
2.2	Mediação da informação na Ciência da Informação	23
2.2.1	<i>Conceito de mediação da informação</i>	23
2.2.2	<i>Perspectivas da mediação informação em Ciência da Informação</i>	26
2.2.3	<i>IA como ferramenta de mediação da informação</i>	29
2.2.4	<i>Mediação da informação no contexto educacional</i>	31
2.3	Inteligência artificial no contexto da Educação	34
2.3.1	<i>Conceitos e fundamentos da IA</i>	34
2.3.2	<i>Tecnologias de IA para educação</i>	36
2.3.3	<i>IA no ensino superior: formação e práticas acadêmicas</i>	39
3	METODOLOGIA	47
3.1	Caracterização da pesquisa	49
3.2	Cenário da pesquisa	52
3.3	Participantes da pesquisa	53
3.4	Instrumento de coleta de dados	54
3.5	Desenho metodológico da pesquisa	55
3.6	Técnica de análise de dados	57
3.7	Aspectos éticos	59
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	60
4.1	Perfil dos participantes e familiaridade com tecnologias digitais	62
4.2	Experiências e práticas de uso da IA e detecção de usos implícitos	63
4.3	Percepções sobre IA: benefícios, limites, riscos e desafios	65
4.4	Implicações da IA na mediação da informação	66
4.5	Autonomia e dependência informacional	69
4.6	Ética, integridade e o futuro da formação	70
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
	REFERÊNCIAS	76
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	84
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	87

ANEXO A – PARECER SUBSTANCIADO DO CEP	90
--	-----------

1 INTRODUÇÃO

A trajetória humana é intrinsecamente marcada pela relação dialógica entre avanços tecnológicos e transformações socioculturais e econômicas. Essa trajetória, iniciada com ferramentas rudimentares e fortalecida com a invenção da escrita, que permitiu o registro do conhecimento, alcançou hoje um estágio avançado representado por sistemas digitais sofisticados, influenciando profundamente na organização social e na maneira como as pessoas interagem entre si.

Desde a Revolução Industrial, ocorrida no século XVIII, foi possível observar um período marcado por inovações que permitiu uma modificação significativa na vida social. Já no século XX, com a chegada das tecnologias e ciências aplicadas como a eletricidade, telecomunicações e a informática, verificou-se um processo de aceleração tecnológica, chegando à sociedade da informação e do conhecimento, caracterizada pela presença da informação como elemento essencial para o desenvolvimento.

A sociedade contemporânea testemunha uma aceleração sem precedentes na integração de tecnologias digitais em todas as esferas da vida, um processo que reconfigura continuamente as formas de comunicação, interação e construção do conhecimento. Nesse cenário, a Inteligência Artificial (IA), especialmente em seus modelos generativos como o GPT-4, emerge não apenas como uma inovação tecnológica, mas como um poderoso agente de transformação nos fluxos informacionais.

No contexto da Universidade Federal do Ceará (UFC), a crescente digitalização dos processos acadêmicos, intensificada no período pós-pandemia, trouxe o debate sobre o uso dessas ferramentas para o centro das discussões pedagógicas, demandando uma reflexão crítica sobre suas implicações, especialmente em cursos cujo objeto de estudo é a própria informação, como o curso de Graduação em Biblioteconomia.

Na atualidade, a tecnologia passou a ocupar um papel importante na vida em sociedade. Sobretudo, com o surgimento da internet, dispositivos móveis, ferramentas baseadas em inteligência artificial, que trouxeram novas formas de comunicação e mediação entre as relações humanas. No contexto social, é possível observar que as tecnologias podem contribuir para ampliar as oportunidades de acesso ao conhecimento, mesmo diante de cenários marcados pela ausência de acesso a essas ferramentas.

Ao longo das últimas décadas, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), passaram a integrar o cotidiano das pessoas, tanto na esfera pessoal quanto profissional, manifestando-se de diversas maneiras e com múltiplas finalidades. Desse

modo, observa-se a crescente incorporação das tecnologias digitais no cotidiano, manifestando-se em diversas esferas sociais. Porém, ao passo que observamos a rapidez com que essas tecnologias surgem, é possível observar também como elas se tornam obsoletas com a mesma velocidade.

Além dos pontos já mencionados, vale ressaltar que a tecnologia tende a proporcionar de uma maneira geral o acesso ao conhecimento de forma mais democrática, uma vez que obstáculos de ordem geográfica, social e econômica podem ser superados com seu uso, pois através de plataformas digitais de aprendizagem, bibliotecas virtuais, repositórios institucionais, poderá ser possível permitir o acesso à conteúdos para estudantes e pesquisadores.

Ainda nesse contexto e diante da grande quantidade de conteúdos disponíveis, a Ciência da Informação (CI) pode assumir um papel de fundamental importância para garantir que esses recursos sejam bem organizados e facilmente encontrados e utilizados pelas pessoas. Por meio das práticas utilizadas na área como classificação, indexação, utilização de metadados padronizados, políticas de acessibilidade, pode ser possível organizar os dados de forma acessível, garantindo a sua confiabilidade e relevância, proporcionando seu acesso. Assim, a integração entre tecnologia e a Ciência da Informação pode vir a proporcionar um fortalecimento nos processos informacionais e educativos, ampliando a qualidade da aprendizagem na sociedade contemporânea.

O impacto das transformações tecnológicas pode ser considerado como um dos principais marcos de desenvolvimento da sociedade atual, podendo impactar de forma expressiva nos comportamentos sociais, culturais e educacionais. Em especial na educação, a inclusão de ferramentas digitais pode promover mudanças que ultrapassam a simples introdução dessas ferramentas, alcançando níveis fundamentais na forma como o conhecimento é produzido e compartilhado.

Além disso, essas ferramentas digitais vêm se desenvolvendo de forma acelerada, muitas vezes ultrapassando a capacidade de adaptação das instituições. Segundo Silveira (2019), escolas, universidades, instituições de ensino de forma geral, não têm acompanhado o ritmo com que as tecnologias vêm progredindo. Isso pode estar relacionado ao fato das instituições de ensino, especialmente as públicas, estarem submetidas a limitações impostas pela carência de recursos financeiros, o que de certa forma impacta no seu desenvolvimento.

O desenvolvimento acelerado das tecnologias impacta significativamente as práticas educacionais em diferentes níveis de ensino. A IA, por exemplo, vem sendo palco de estudos e debates na sociedade e no ambiente acadêmico. No contexto do ensino superior, já

se pode observar a utilização de ferramentas baseadas em IA, tais como plataformas de aprendizado adaptativo, assistentes virtuais, corretores de texto, tradutores, com o objetivo de tornar o aprendizado mais personalizado, otimizando o tempo e possibilitando uma participação mais motivada não só de alunos, mas também de professores.

Nos últimos anos, especialmente após o período da Pandemia da COVID-19 vivenciada no mundo em 2020, observou-se um crescimento nos ambientes de aprendizagem híbridos e *online*, e por conta disso se tornou urgente à adoção de novas metodologias, tecnologias e práticas educacionais. Dentre as inúmeras ferramentas tecnológicas que surgiram, a IA destacou-se como uma alternativa inovadora, auxiliando na automação das atividades educacionais e na personalização de conteúdos de acordo com o perfil de cada estudante.

Embora a literatura acadêmica explore os benefícios da IA para a personalização do ensino (Silva *et al.*, 2023; Moran, 2021), observa-se uma lacuna significativa no que tange à análise dessa tecnologia sob a ótica da Ciência da Informação. Pouco se tem discutido sobre como a IA atua, na prática, como um agente de mediação da informação. Ao selecionar, organizar e apresentar conteúdos em resposta às solicitações dos usuários, os algoritmos operam uma mediação implícita (Almeida Júnior, 2009), cujos critérios, vieses e efeitos ainda são pouco compreendidos. Essa mediação algorítmica levanta questões essenciais: ela fortalece a autonomia intelectual dos estudantes ou fomenta uma nova e sofisticada forma de dependência informacional?

Considerando que a IA pode apresentar possibilidades de uso em ambientes acadêmicos, pretende-se responder com este estudo a questão que norteia essa pesquisa: Como os estudantes do Curso de Biblioteconomia da UFC percebem o uso da Inteligência Artificial como ferramenta de mediação da informação em suas práticas acadêmicas?

Observada essa crescente utilização da IA em ambientes educacionais, torna-se importante investigar como essas tecnologias são entendidas e utilizadas por alunos, especialmente em cursos que tem como objeto de estudo a gestão, organização e disseminação da informação, como é o caso do Curso de Biblioteconomia da UFC. E por se tratar de um curso que possui relação direta com os processos de mediação e disseminação da informação, esta pesquisa poderá mostrar-se pertinente para promover uma reflexão sobre o uso da IA no processo de mediação da informação e do conhecimento, conectando à temática da Ciência da Informação.

Além disso, apreender a percepção dos alunos sobre o uso das tecnologias de IA como parte desse processo pode vir a permitir não só identificar o nível de familiaridade e

aceitação dessas ferramentas, mas também identificar seus benefícios e limitações. Assim, estudar a utilização da inteligência artificial sob a ótica dos alunos do Curso de Biblioteconomia da UFC é de grande relevância para o fortalecimento das competências digitais dessa comunidade acadêmica e para o avanço das discussões sobre o papel da IA na educação atual.

No contexto da CI, o presente estudo justifica-se por entender que os resultados podem trazer benefícios importantes tanto do ponto de vista teórico como prático para área. Do ponto de vista teórico, este estudo contribui para compreender melhor a relação entre a tecnologia e a informação, oferecendo reflexões sobre a inteligência artificial a partir dos fundamentos da mediação da informação na Ciência da Informação.

Além disso, este debate ganha importância por considerar que a área se dedica, dentre outras temáticas, com estudos nos processos de mediação da informação e apropriação dessas informações pelos sujeitos. Embora já sejam observadas pesquisas que tratam sobre o uso da IA em ambientes educacionais, ainda são poucas as investigações que analisam essa ferramenta sob a perspectiva da mediação da informação. Desta forma, este estudo busca contribuir para aumentar as discussões sobre as implicações do uso da IA como ferramenta de mediação da informação no processo de aprendizagem a partir da percepção dos estudantes de Biblioteconomia da UFC.

Do ponto de vista social, o aumento na adoção de ferramentas tecnológicas no ensino superior tem exigido mudanças nas formas de acesso, produção e disseminação da informação. Diante disso, a IA é um exemplo de tecnologia que tem ganhado destaque com grande potencial de apoio nas atividades educacionais e no âmbito da UFC já se pode observar a comunidade acadêmica utilizando algumas dessas ferramentas para auxílio em seus processos institucionais e acadêmicos.

E considerando a experiência da pesquisadora de atuação profissional como bibliotecária e ocupação em uma universidade pública, a justificativa da escolha do tema da pesquisa, parte dessa vivência em acompanhar diretamente as transformações advindas dos avanços das tecnologias que tem transmutado os processos de atendimento ao usuário, representação descritiva da informação, organização e disseminação do conhecimento. Essa experiência tem sinalizado a necessidade de atualização das competências na formação dos bibliotecários, de modo a garantir o acesso à informação e o fortalecimento do papel social das bibliotecas.

De acordo com as motivações e justificativas apresentadas, foi definido como objetivo geral: analisar como o uso da Inteligência Artificial se integra às práticas de estudo

dos discentes do Curso de Biblioteconomia, considerando suas contribuições, limites e implicações para a formação acadêmica.

E elegemos como objetivos específicos: identificar as principais ferramentas de IA utilizadas pelos estudantes de Biblioteconomia da UFC e mapear como elas são empregadas em suas rotinas de estudo e pesquisa; compreender as percepções dos discentes sobre os desafios e riscos associados ao uso da IA; analisar, à luz do referencial da Ciência da Informação, como a IA atua na prática como um agente de mediação implícita, interferindo na organização, acesso e apresentação da informação; discutir as implicações éticas e pedagógicas do uso da IA na formação de futuros profissionais da informação, especialmente no que tange ao desenvolvimento da autonomia ou da dependência informacional.

O estudo pretende contribuir para o debate científico bem como irá se concentrar na análise crítica das implicações do uso da Inteligência Artificial (IA) como ferramenta de mediação da informação a partir das percepções dos discentes do Curso de Biblioteconomia. A investigação torna-se pertinente pela necessidade de compreender o uso e as transformações que as ferramentas que utilizam a IA podem trazer no ambiente acadêmico.

Para alcançar os objetivos traçados, este trabalho foi organizado da seguinte forma: inicialmente o referencial teórico explora sobre tecnologias aplicadas ao ensino. Em seguida, a fundamentação aprofunda-se na temática da mediação da informação sob a ótica da CI abordando suas perspectivas e o papel da IA como ferramenta de mediação da informação no contexto acadêmico. Após, o referencial encerra-se com a apresentação de conceitos fundamentais da IA e suas aplicações no ensino superior.

Em seguida, a metodologia será detalhada, seguida da apresentação dos resultados e análises das categorias temáticas propostas de acordo com a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Ao final as considerações finais serão apresentadas objetivando destacar as principais contribuições do estudo, as limitações identificadas ao longo da pesquisa e as perspectivas para investigações futuras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A seguir, centramos esforços no referencial teórico que fundamenta esta pesquisa, que busca investigar o uso da Inteligência Artificial como ferramenta de mediação da informação a partir das percepções dos discentes do Curso de Biblioteconomia em uma universidade federal, acerca de seu uso nas práticas acadêmicas, considerando o avanço e a popularização dessas tecnologias no contexto educacional e sua pertinência para uma área diretamente relacionada à gestão, organização, mediação e disseminação da informação. Destarte, intentamos expor, a seguir, os aportes teóricos, autores, perspectivas acerca das tecnologias digitais, mediação da informação, ensino híbrido e inteligência artificial.

2.1 Tecnologias aplicadas à educação

Inicialmente, nos ancoramos em estudos de Moran (2000; 2007; 2013) cujas reflexões sobre inovação educacional e uso das tecnologias nos processos de ensino poderão contribuir para compreender as transformações que são observadas na educação contemporânea. Nesse sentido, essas contribuições serão abordadas sob uma perceptiva crítica, buscando discutir não só suas potencialidades como ferramenta pedagógica, mas, sobretudo, seus efeitos na forma de produção, mediação e apropriação da informação no ambiente educacional.

Embora o referido autor não seja considerado um estudioso de base da Ciência da Informação, suas ideias poderão contribuir para discussões na área, especialmente sobre temáticas que envolvam debates sobre mediação tecnológica da informação, competência informacional e mudanças nos fluxos informacionais em ambientes educacionais digitais.

As obras de Moran (2000; 2007; 2013) figuram entre as mais relevantes no campo da tecnologia aplicada à educação no Brasil. Seu trabalho é bastante valorizado nas áreas de Educação e Comunicação, sendo mencionado de forma recorrente, em pesquisas e produções acadêmicas sobre o assunto. Entre seus livros mais relevantes estão *Desafios na educação presencial e a distância* (2000), *Novas tecnologias e mediação pedagógica* (2013) e *Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá* (2007).

A obra “*A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*” traz uma reflexão sobre os caminhos da educação contemporânea e os desafios para a construção de um modelo educacional mais inclusivo e dinâmico. Nela, o autor problematiza a distância entre os ambientes educacionais atuais, rígidos, centrados apenas na transmissão de conteúdos e pouco

atraentes para os alunos, para um ambiente idealizado, inspirado na participação ativa e pelo uso inteligente das tecnologias.

Desde os tempos antigos, o ser humano sentia a necessidade de expressar suas emoções, opiniões e registrar suas vivências (Burke, 2003). A comunicação sempre fez parte da nossa história, desde os gestos, sons e desenhos nas cavernas até o desenvolvimento de formas mais complexas de se comunicar. Essa evolução mostra que entender a comunicação atual exige olhar para suas origens.

O que corrobora com o pensamento de Moran (1991), no qual destaca que o desenvolvimento humano se assemelha a um amplo exercício de interpretação crítica do mundo e das leis que regem a vida e o futuro. Percebe-se que, desde a criação do papiro até o surgimento das tecnologias digitais, a humanidade passou por uma extensa trajetória. Nesse processo, a escrita e a leitura foram responsáveis por transformações significativas no contexto social.

Nesse sentido, Moran (2000) apresenta o papel das redes digitais e das tecnologias digitais como ferramentas capazes de potencializar práticas pedagógicas mais interativas, personalizadas e eficazes, tanto no ensino presencial quanto a distância. Além disso, ressalta a importância de tornar o ambiente educacional um espaço mais humano, afetivo e ético, que valorize o sujeito em sua individualidade.

Isso possivelmente implicará em reconhecer os diferentes ritmos, estilos e necessidades de aprendizagem, promovendo ambientes que estimulem a curiosidade, a pesquisa e a participação ativa dos estudantes. Adicionalmente, suas ideias evidenciam as transformações na atuação dos docentes, que deixam de ser apenas meros transmissores de conteúdos, para se tornarem mediadores, podendo ser capazes de estimular a autonomia, a curiosidade, a criatividade e reflexão crítica dos alunos.

As obras de Moran (2000) descrevem uma sociedade que vivencia mudanças, quer na sua forma de organização, quer na produção e comercialização de bens, no lazer, bem como nos modos de ensinar e aprender. Ele enfatiza que a sociedade contemporânea se encontra em constante transformação, realidade que pode ser vivenciada por todos diretamente e que pode refletir na forma como os indivíduos se organizam, produzem, aprendem e até mesmo se divertem.

O autor destaca ainda a importância das transformações no campo educacional, tendo em vista que os processos de ensino e aprendizagem podem ser adaptados aos avanços tecnológicos e culturais que podem substituir práticas tradicionais por metodologias digitais. O que gera uma reflexão que aponta para a ideia de que estas transformações, motivadas,

sobretudo pela tecnologia e pela globalização, mostram que se vive numa sociedade em transição que exige novas formas de adaptação.

Alinhado a esse pensamento, Bacich (2015, p. 47) disserta que “crianças e jovens estão cada vez mais conectados às tecnologias digitais, configurando-se como uma geração que estabelece novas relações com o conhecimento”. Essa relação citada pela autora sugere que o aprendizado não ocorre mais apenas com a utilização de livros ou salas de aulas, mas pode ser adquirido com a utilização de vídeos, fóruns, redes sociais, IA. Além disso, o perfil dessa geração de ser apenas consumidora de informação muda para aquela que produz, compartilha e disponibiliza conteúdos de maneira mais rápida e com isso o conhecimento poderá circular em diferentes formatos e ambientes, transformando essa geração em uma que aprende de forma mais conectada.

Moran (2000, p. 22) entende que:

“de tudo, de qualquer situação, leitura ou pessoa podemos extrair alguma informação ou experiência que nos pode ajudar a ampliar o nosso conhecimento, para confirmar o que já sabemos, para rejeitar determinadas visões de mundo, para incorporar novos pontos de vista”.

É importante reconhecer que qualquer situação, seja ela uma leitura ou mesmo uma interação humana, pode ser capaz de representar uma fonte de conhecimento, pois compreende-se que o saber não poderá ser limitado apenas ao ambiente formal da educação, mas tende a ser construído de forma constante, transformando-se conforme as pessoas de relacionam e convivem em sociedade.

Como afirma o autor, o ponto principal será compreender “como ensinar e aprender em uma sociedade mais interconectada” (Moran, 2000, p.11), o que implica repensar novas metodologias. Nesse contexto, professores tem a chance de deixar de ser apenas transmissores de conteúdos para se tornarem mediadores, orientando os alunos na seleção, observação crítica e construção do conhecimento. Já os estudantes podem vir a assumir uma postura mais participativa e colaborativa, aprendendo em rede e desenvolvendo competências essenciais para lidar com a variedade de informações em meio às transformações do mundo moderno.

Ainda de acordo com Moran (2000, p. 12) “se ensinar dependesse só de tecnologias já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo”. Este pensamento poderá indicar que a tecnologia, por si só não será capaz de resolver todos os desafios enfrentados pela educação, pois embora existam ferramentas digitais disponíveis para ajudar nos processos educacionais, elas eventualmente atuarão como elementos facilitadores.

Porém, o ensino sempre será configurado como um processo complexo e humano, que necessitará de diálogo, interação e construção. A qualidade do aprendizado dependerá da mediação, da metodologia adotada e do acompanhamento humano, o que pode reforçar a ideia de que o fator humano ainda permanecerá como elemento essencial na transformação da informação em conhecimento. Para complementar o pensamento do autor, boa parte do processo de aprendizagem terá condições de ocorrer quando formos capazes de integrar diferentes formas de tecnologias, com o objetivo de promover uma experiência mais rica.

Moran (2018) defende a importância de um ensino híbrido, que combine o melhor do ensino presencial e do ensino a distância, para criar experiências de aprendizagem mais personalizadas e significativas. Assim, o autor defende a ideia de que o ensino híbrido tem condições de fornecer experiências mais ricas, pois tende a respeitar as individualidades de cada pessoa. Essa concepção tende a ser entendida de forma otimista, pois embora aponte para a personalização e fortalecimento do aprendizado, ainda assim implicaria que nem sempre certas condições poderiam estar presentes na realidade educacional, como, por exemplo, infraestrutura desigual, formação docente, ou mesmo sobrecarga quando a combinação do presencial e digital for mal planejada de tal forma que poderá gerar excesso de tarefas para estudantes e professores.

Sobre o papel da tecnologia no ensino híbrido, Sunaga e Carvalho (2015, p. 144) afirmam que ela “vem para ajudar na personalização da aprendizagem e transformar a educação massificada em uma que permita ao aluno aprender no seu ritmo e de acordo com os conhecimentos previamente adquiridos”. Igualmente, ao utilizar ferramentas tecnológicas para buscar informações ou acessar conteúdos de seu interesse, estudantes podem ser capazes de desenvolver seu aprendizado de maneira personalizada. Dentro dessa perspectiva, Schneider (2015, p. 74) cita que “um dos principais destaques da proposta de ensino híbrido, e que mais nos chamou atenção, é que o aluno deixa de ser mero espectador”, principalmente no que diz respeito a sua autonomia.

Moran (2013) aponta que a educação contemporânea deverá ressaltar o desenvolvimento de habilidades digitais por meio de metodologias ativas que promovam a participação dos alunos e o trabalho colaborativo, como ocorre na sala de aula invertida, onde o conteúdo é estudado previamente e o tempo em sala é dedicado à discussão, e a aprendizagem baseada em projetos, que estimula a resolução de problemas reais em grupo. No contexto do século XXI, marcado pela presença das tecnologias, é importante que estudantes desenvolvam habilidades para utilizar ferramentas digitais de maneira crítica e produtiva.

As tecnologias digitais móveis desafiam as instituições a sair do ensino tradicional em que o professor é o centro, para uma aprendizagem mais participativa, com momentos presenciais e outros com atividades à distância. Assim, estas ferramentas tem a chance de promover uma aprendizagem mais autônoma e personalizada, incentivando os alunos a serem protagonistas de seu processo educativo, distanciando-se dos métodos tradicionais de ensino, que muitas vezes são passivos, buscando envolvê-los de forma mais dinâmica e interativa, através das ferramentas digitais.

Nas palavras de Moran (2018, p. 2) “as pesquisas atuais da neurociência comprovam que o processo de aprendizagem é único e diferente para cada ser humano, e que cada pessoa aprende o que é mais relevante e o que faz sentido para si, o que gera conexões cognitivas e emocionais”. Dessa forma, é possível compreender que o ensino deve respeitar as diferenças individuais, não existindo um modelo único de aprendizagem que funcione igualmente para todos, pois cada cérebro tem sua maneira individual de processar e organizar as informações recebidas, o que reforça a ideia da citação de Moran (2018) sobre a importância da personalização do ensino e da adaptação aos diferentes modos de aprender.

Ainda de acordo com Moran (2018, p. 10) que diz ser “absurdo educar de costas para um mundo conectado, educar para uma vida bucólica, sustentável e progressista baseada só em tempos e encontros presenciais e atividades analógicas (que são, também, importantes)”. Observa-se uma reflexão crítica que provoca o pensamento de que não se poderá mais ignorar as tecnologias e as possibilidades do mundo conectado, pois a sociedade contemporânea está cada vez mais digital, e a integração dessas ferramentas tecnológicas nos ambientes educacionais pode vir a permitir a ampliação do acesso ao conhecimento.

Em relação a IA, Moran (2021) menciona que ela está “ajudando no desenho de caminhos de aprendizado personalizados para os alunos com base em seus estilos individuais, ritmos e interesses”. Isso significa dizer que a IA tem a chance de ser utilizada como uma aliada no desenvolvimento de novas experiências de aprendizagem personalizadas, mais humanas e mais eficazes. Em seu texto (2021) ele menciona o *Khanmigo*, que é uma plataforma, na versão inglesa, que serve como tutora para estudantes, bem como oferece uma variedade de recursos para professores, dentre eles atividades para sala de aula e sugestões de problemas com respostas. Esta plataforma citada no estudo de Moran, é só uma das inúmeras que já estão disponíveis para uso.

A seguir, torna-se importante relacionar a discussão com a CI, área dedicada aos estudos sobre produção, organização e uso da informação, uma vez que o uso de tecnologias digitais e da inteligência artificial no processo educacional poderá implicar não só o acesso a

grandes volumes informacionais, mas também a sua organização, tratamento, medicação e disponibilização. Nesse contexto, a mediação da informação pode revelar-se como elemento central, pois busca estabelecer conexões entre estudantes e conteúdos informacionais, favorecendo o acesso e a compreensão crítica do conhecimento.

2.2 Mediação da informação na Ciência da Informação

2.2.1 Conceito de mediação da informação

O conceito de mediação revela múltiplas dimensões e significados, que variam conforme o contexto em que é empregado. Esta seção reúne elementos centrais sobre o tema e suas principais definições. Neste percurso, torna-se igualmente importante investigar os aspectos relacionados ao termo mediação à luz da Ciência da Informação.

A Ciência da Informação consolidou-se após a Segunda Guerra Mundial, dentro de um cenário marcado por intensa competitividade. Considerando essa conjuntura, o acesso rápido à informação tornou-se essencial para o desenvolvimento científico. Isso porque a agilidade no acesso à informação pode proporcionar vantagens decisivas para aqueles que necessitam tomar decisões rápidas e precisas (Araújo, 2018).

Segundo o mesmo autor, ao longo do tempo, a área ampliou seu escopo de atuação com o desdobramento de diferentes subáreas, a saber: comunicação científica, representação da informação, organização do conhecimento, comportamento informacional, gestão da informação e do conhecimento, economia política da informação e estudos métricos da informação.

Sob a ótica de Capurro (2003) a CI também passou por transformações ao longo do tempo, orientada por três abordagens epistemológicas: a física, a cognitiva e a social. Desta forma é possível interpretar que a CI é uma área que está sempre em evolução e que se desenvolveu a partir das diferentes formas de entender o comportamento da informação. Além disso, para fortalecer a compreensão dessa trajetória que busca compreender e melhorar o fluxo informacional na sociedade, o autor identifica que ao ser guiada por esses três paradigmas, que vai do técnico para o humano, e deste para o social, esse movimento provoca um enriquecimento na área trazendo novos estudos e perspectivas.

A CI é a área que estuda as propriedades e o comportamento da informação, os fatores que influenciam seu fluxo, bem como os métodos de processamento que visam garantir sua acessibilidade e usabilidade de forma ideal (Borko, 1968). Nas palavras de Le

Coadic (2004, p. 25) a CI “tem por objeto o estudo das propriedades gerais da informação, natureza, gênese e efeitos, tal como análise de seus processos de construção, comunicação e uso”. Ambos os pensamentos, reconhecem que a área tem uma preocupação tanto com o entendimento teórico da informação quanto com os processos que permitem seu uso eficaz. Somando-se a esses processos é possível incluir também, outros ligados à informação, como a disseminação, mediação e compartilhamento.

No cenário científico, Araújo (2018, p. 18) menciona que:

A informação passou a ser entendida, assim, como um recurso, uma condição de produtividade. Cientistas precisavam de informação com rapidez, com qualidade, com exatidão. Gastava-se tempo precioso na busca de informação, ou tinha-se desperdício de tempo na obtenção de informação irrelevante ou de baixa qualidade. Mais ainda, atraso na produção por não se ter acesso à informação adequada ou relevante em determinado momento.

O reconhecimento da informação enquanto recurso estratégico favorece uma crescente competitividade por sua obtenção em tempos cada vez mais reduzidos, dinâmica essa impulsionada pelo avanço tecnológico e científico, que redefine os limites da velocidade de acesso à informação.

De acordo com Gomes (2008, p.1):

O processo de construção do conhecimento se dá por meio de um movimento complexo, no qual os sujeitos interagem entre si, mas também com as informações, processando-as para, a partir de seus enquadramentos, de suas possibilidades cognitivas, se apropriarem dos conteúdos acessados.

A citação apresentada evidencia um ponto fundamental sobre o processo de aprendizagem não ser linear e nem simples, pois envolve vários fatores desde a troca de ideias entre pessoas, que não se limita apenas a uma conversa entre sujeitos, até a interação em que o sujeito se conecta com os conteúdos em si, através das fontes de informação, como dados, textos, experiências pessoais. O que permite que o conhecimento seja construído não só pelas relações sociais, mas também pelas capacidades internas de cada um.

Ao estudar a organização, recuperação, uso, disseminação e circulação da informação, a CI não se limita apenas aos aspectos técnicos desses processos, mas reconhece também o papel das interações humanas e sociais na construção e compartilhamento do conhecimento e é nesse contexto que surge a mediação da informação, conceito que tem sido fundamental para compreensão da área.

Historicamente, o conceito de mediação nasceu com os estudos dos filósofos Platão e Aristóteles, que o entendiam como uma ação voltada para resolução de conflitos. Nesse contexto, a função do mediador naquela época era o de conciliador, responsável por propor um acordo entre duas partes. No tocante à Ciência da Informação, a mediação é um

processo dinâmico onde a informação é trabalhada, interpretada e transformada, passada por um sujeito, que pode ser um bibliotecário, um professor ou mesmo uma ferramenta tecnológica.

O conceito de mediação da informação passou por evoluções. Antes, era visto apenas como o trabalho do profissional para facilitar o acesso do usuário à informação. Hoje, essa atividade não se limita a um simples processo técnico, passando a ser mais complexa, com impactos sociais, culturais e subjetivos, que podem ser importantes para a construção do conhecimento e para o entendimento das dinâmicas de uso da informação.

Nesse ínterim, a mediação da informação configura-se como um dos pilares da Ciência da Informação, sobretudo após a área deixar de se preocupar apenas com os sistemas e passar a valorizar os sujeitos que buscam e utilizam a informação em suas práticas cotidianas. Neste contexto, para esta pesquisa, apresentamos, dentre outras, algumas importantes contribuições dos autores Armando Malheiro da Silva, Oswaldo Francisco de Almeida Júnior e Jonathas Luiz Carvalho Silva.

Dentre as reflexões existentes acerca do tema mediação da informação como objeto de estudo da CI, Almeida Júnior (2009; 2015) contribuiu para ampliar e atribuir a ele um conceito próprio para a área. O projeto inicial voltado a tal propósito se deu a partir das inquietações e dos questionamentos advindos de um grupo de pesquisa denominado Interfaces: informação e conhecimento, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), vinculado a um departamento de CI. Estes estudos provocaram o entendimento para recusa do termo estar vinculado somente ao ato de transferência e passar a ser tratado como ação de interferência que são ações específicas dos profissionais da informação.

Desta forma, Almeida Júnior (2015) reformulou o conceito de mediação da informação definindo-o como toda ação de interferência, consciente ou não, executada por um profissional da informação que permite a apropriação da informação pelo sujeito. Esse processo de interferência citado pelo autor reforça a ideia de sempre haver influências que afetarão a forma como a informação é produzida, organizada ou transmitida.

Acrescentando a esse debate, Silva (2015) investiga diferentes percepções sobre o conceito de mediação da informação presentes na literatura que trata sobre o tema. O autor identifica mais de um significado para o termo e observa que diferentes abordagens podem revelar divergências entre interpretações, visto que de um lado preferem uma dimensão mais técnica, enquanto do outro privilegia uma abordagem voltada para uma dimensão social e cultural.

Como argumenta Silva (2009) é importante compreender a mediação como algo que faz parte da própria lógica de funcionamento dos sistemas e não como uma ação pontual, pois sempre haverá um processo de mediação embutido na estrutura dos sistemas. A ideia é que toda informação passa por mediações, seja através de filtros, escolhas ou interpretações.

Em proximidade com essa abordagem, Almeida Júnior (2009) trata a mediação pelo viés comunicacional e ressalta que o processo do mediador envolve construção de sentidos e a interação de sujeitos, destacando que a informação não é simplesmente transmitida, mas passa por um processo de interpretação e ressignificação a partir de experiências e contextos culturais e sociais dos indivíduos. Portanto, a mediação não se limita a um processo técnico, mas envolve interação e troca de sentidos.

Outro estudo que apresenta uma análise bastante aprofundada sobre o tema é a Tese de Santos Neto (2019), intitulada *O estado da arte da mediação da informação: uma análise histórica da constituição e desenvolvimento dos conceitos*, onde o autor traz um extenso estudo sobre mediação da informação no contexto da Ciência da Informação tendo como base a produção científica brasileira sobre a temática presente em periódicos, dissertações, teses e em anais de eventos.

A partir do entendimento entre as perspectivas dos autores é possível compreender que a mediação da informação é um conceito que permite várias dimensões, aspectos ou interpretações. Contudo, há uma divergência entre os autores quando Silva (2009) privilegia a dimensão estrutural, Almeida Júnior (2009; 2015) destaca a dimensão comunicacional e Silva (2015) analisa o conjunto de ideias sobre o tema, mostrando que existem diversas formas de compreendê-lo. No entanto, é possível perceber que há convergência entre os autores quando eles de alguma forma compartilham pontos de vista semelhantes sobre o tema em questão.

2.2.2 Perspectivas da mediação informação em Ciência da Informação

Na Ciência da Informação a mediação é categorizada de algumas maneiras, cada uma com sua especificidade, abordando elementos particulares do papel do mediador e do contexto em que a informação é gerida e compartilhada.

Inicialmente, o estudo da temática mediação da informação se concentrava em dois grandes eixos dentro das práticas profissionais do bibliotecário e da Ciência da Informação: a mediação de natureza implícita e a mediação de natureza explícita. Sobre isso, Almeida Júnior (2009) menciona que a mediação pode ocorrer de forma explícita, quando há

interação direta entre o profissional da informação junto ao usuário, ou de forma implícita, quando essa relação ocorre sem a presença simultânea de ambos (Silva, 2018, p. 38).

A mediação explícita da informação ocorre quando um profissional da informação tem contato direto com o usuário, essa ação “[...] ocorre nos espaços em que a presença do usuário é inevitável, é condição *sine qua non* para sua existência” (Almeida Junior, 2009, p. 4), preferencialmente em serviços de referência e atendimento em unidades de informação. Para exemplificar de forma prática quando um estudante procura o profissional da informação para encontrar materiais sobre um determinado tema para sua pesquisa. Ao conversar com o usuário, o profissional poderá compreender sua necessidade informacional e a partir daí orienta-o sobre uso do catálogo, sugere livros e artigos relevantes para seu estudo.

Continuando com esse pensamento, Almeida Júnior (2009, p. 92) aponta que “a mediação está presente de forma implícita, muito embora dirigindo e norteando todas as atividades ali desenvolvidas”. Assim compreende-se que a mediação atua nos bastidores, muitas vezes de forma silenciosa, influenciando nas escolhas, formas de atendimento, utilização de espaços, tipos de linguagens a serem usadas, recursos disponíveis, entre outros aspectos, mas sempre de forma presente, orientando a forma de como a informação é oferecida, acessada e disponibilizada.

Um exemplo prático desse processo em bibliotecas é quando ao destacar livros reorganizando estantes sobre o assunto saúde mental no mês setembro - Setembro Amarelo, em alusão Promoção da Saúde Mental - mesmo sem mencionar que isso é mediação, esse destaque pode ser considerado uma ação mediadora, pois estaria chamando a atenção dos usuários para um tema de relevância, promovendo, assim, reflexões e acesso a informações.

Outro exemplo prático, agora no contexto educacional, seria quando um professor, em uma disciplina de Metodologia Científica, solicita, por exemplo, que seus alunos utilizem um recurso de inteligência artificial para explorar temas de pesquisa, desenvolver perguntas-problema e localizar referências. Ao incentivar o uso da ferramenta, o professor estaria atuando como mediador ao direcionar o modo como os alunos acessam, analisam e utilizam as informações, corroborando com o pensamento de Almeida Júnior (2009) sobre a mediação implícita.

Em um momento posterior Almeida Júnior (2015) percebeu que a divisão da mediação em categorias, implícita e explícita, poderia ter ficado rígida e por este motivo propôs, duas novas dimensões para classificação, a intrínseca e a extrínseca. Assim a mediação deixaria de ser classificada apenas pelo local e sujeito e passaria a ser compreendida pelo “como” e “para quê” é feita. Com esta nova interpretação trazida pelo autor, as

dimensões intrínsecas estariam relacionadas a fatores que estariam fora do alcance do profissional da informação e a extrínseca, se relacionaria a práticas conscientes e controláveis por ele.

Ao entender a mediação da informação como uma ação de caráter dialógico, Gomes (2014; 2020) traz sua contribuição para os estudos na CI, defendendo quatro dimensões para ajudar na compreensão do tema, a saber: a dimensão dialógica, estética, formativa e ética, e posteriormente em 2020, acrescida a dimensão política. A união dessas dimensões sugere que a CI deixe de focar somente no objeto e passe a dar mais atenção no sujeito e na ação. Para a autora, mediar é “interferir positivamente”, o que permite concluir que o profissional nunca será neutro no processo, mas sempre um facilitador consciente de seu papel na sociedade.

Continuando com as reflexões, Silva (2009) contribuiu com as discussões explorando o conceito de mediação, destacando sua evolução e transição de paradigmas na área que inclui a mediação custodial, herdada do século XIX, que se dedicava a preservação, controle e acesso restrito aos documentos para a mediação pós-custodial que valoriza a participação e uso de tecnologias digitais para ampliação, acesso e disponibilização da informação, destacando o papel do sujeito.

Assim, a atuação do mediador na perceptiva custodial era de profissionais responsáveis pela preservação e controle de documentos, com uma postura rígida, com o acesso muitas vezes carregado de normas rigorosas. Em contrapartida, na perspectiva pós-custodial, a mediação amplia-se para ambientes digitais e colaborativos, possibilitando uma atividade mais dinâmica e participativa.

Conforme argumenta Rangel e Martins (2024), a mediação da informação sofreu impactos significativos com os avanços tecnológicos. Historicamente, a partir da primeira década do século XXI, é possível observar uma mudança da mediação centrada no humano para mediação algorítmica permitindo uma redefinição na maneira como a sociedade passou a produzir, disseminar e consumir informação. De um lado temos a mediação tradicional pautada pela interferência humana consciente para satisfazer as necessidades informacionais, sendo realizada por profissionais da informação, bibliotecários, arquivistas ou educadores.

Em contrapartida Macedo Júnior (2020) cita de outro lado a mediação algorítmica operada de forma autônoma por máquinas. Enquanto o mediador humano age como uma ponte colaborando ativamente com o sujeito, os algoritmos agem como executores de alto desempenho baseados em códigos.

Acrescentando a discussão sobre mediação algorítmica Sousa Júnior, Nunes e Farias (2025) citam o papel fundamental que as tecnologias digitais assumiram nesse meio, transferindo a centralidade da ação mediadora, antes puramente humana, para a atuação dos softwares. Essa visão propõe uma revisão dos conceitos de mediação explícita e implícita, tornando indispensável a análise das relações estabelecidas entre os usuários, os algoritmos e as plataformas digitais.

A mediação tradicional da informação dedica-se pela democratização do conhecimento, pela autonomia do sujeito e pela promoção do pensamento crítico. Já a mediação algorítmica prioriza a eficiência e personalização de conteúdos muitas vezes buscando aumentar o tempo do usuário em uma determinada plataforma. Na mediação humana observa-se transparência, diálogo e privacidade. Enquanto na mediação algorítmica, o processo tende a ser obscuro, no qual os dados são coletados e processados sem que o sujeito sequer mantenha controle. A mediação humana busca a apropriação consciente da informação, já a algorítmica tende a recorrer aos históricos de navegação com o objetivo de antecipar e orientar resultados e preferências de forma implícita. (Rangel; Martins, 2024)

2.2.3 IA como ferramenta de mediação da informação

No tocante às tecnologias, e como já foi mencionado, reconhece-se que elas ampliaram as possibilidades de mediação implícita da informação, dispensando na grande maioria dos casos, a presença direta dos sujeitos que buscam suas necessidades de informação em bibliotecas, museus, arquivos, centros de preservação e conhecimento.

Neste contexto, verificamos a incorporação de tecnologias digitais, algoritmos de busca, sistemas de recomendação atuando como mediadores invisíveis, organizando, filtrando e disponibilizando conteúdos de forma automatizada. Como argumenta Rangel (2024) os algoritmos, entendidos como conjuntos de regras e cálculos matemáticos voltados à obtenção de resultados assumem um peso cada vez mais importante na seleção de conteúdos e na coleta de dados, inserindo-se de maneira importante em processos de mediação na vida cotidiana.

Somando-se a isso, destaca-se o papel da IA como ferramenta de mediação implícita da informação que diferentemente dos sistemas tradicionais, não atua na organização e disponibilização de conteúdos, mas reconfigura os fluxos informacionais. Portanto, compreender a mediação implícita conectada a IA implica perceber que a tecnologia não é só um apoio, mas participa de forma direta como a informação é criada, disponibilizada e usada.

A IA pode ser percebida, em ambientes educacionais, como um instrumento de mediação de informação, pois é possível observar sua utilização nos processos de organização, recuperação, disseminação e personalização de conteúdos, o que de certa forma pode contribuir para ampliar possibilidades de interação entre sujeitos e a informação. Nesse contexto, apoiada nas reflexões de Gómez (2002), os sistemas de IA podem se apresentar como mediadores tecnológicos, à medida que aumentam e melhoram os processos de busca, seleção e utilização de informações, promovendo ambientes de aprendizagem mais interativos.

À luz da CI, a mediação da informação não se limita apenas à prática de disponibilizar informações, mas envolve, sobretudo procedimentos que favoreçam de fato a construção efetiva do conhecimento pelos sujeitos envolvidos (Almeida Júnior, 2009). Esse pensamento dialoga com as contribuições de Perrotti e Pieruccini (2014), pois para eles, a mediação da informação envolve a criação de ambientes culturais e informacionais, como bibliotecas, que favorecem a participação ativa dos sujeitos na busca e construção do conhecimento.

Recentemente, no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Sperb e Sperb (2025) apresentaram o conceito de “influência algorítmica” e descreveram os algoritmos como “curadores invisíveis” que atuam de maneira não neutra, mas moldando comportamentos e percepções. Borges (2021) corrobora com esse pensamento quando resgata em seu estudo o conceito de mediação implícita, definindo-a como a ação desenvolvida por sistemas de informação sem a presença física do sujeito, como o processamento e a seleção da informação.

Sobre as mudanças nos fluxos de informação Sperb e Sperb (2025) alertam para a criação de bolhas informacionais, pois entendem que os algoritmos dão preferência para conteúdos que geram mais engajamento, o que acaba fortalecendo as crenças já existentes, deixando os sujeitos presos a informações que apenas confirmam o que eles já sabem.

Enquanto Borges (2021) amplia esta discussão para o cenário social, e observa que a mediação da informação pode reconfigurar os fluxos tanto para proporcionar o acesso democrático quanto para criar barreiras e complementa que o uso da informação pode ser uma condição indispensável para que os sujeitos tenham participação na cultura e questões relacionadas ao enfrentamento de desigualdades sociais.

Sobre a perspectiva da IA como agente mediador da informação, Sperb e Sperb (2025) defendem a IA como curadora e guardiã de informações e argumentam que os algoritmos atuam de maneira invisível exercendo uma influência nas necessidades

informativos dos sujeitos, pois costumam tomar decisões sobre quais informações serão mais relevantes. Assim, essa mediação não apenas define o que está explícito e relevante, mas também orienta e influencia a formação de opiniões e construção de discursos.

2.2.4 Mediação da informação no contexto educacional

O conceito de mediação também é abordado na área da Educação, onde se reconhece sua natureza complexa e sua importância para a constituição da psicologia educacional. Além disso, apresenta estreita relação com aspectos sociais, sendo amplamente discutida em teorias como a de Vygotsky. Para tanto, o autor desenvolveu uma interpretação significativa para o conceito de mediação:

[...] na interação homem-ambiente pelo uso de instrumentos, uso de signos. Os sistemas de signos (a linguagem, a escrita, o sistema de números), assim como o sistema de instrumentos, são criados pela sociedade ao longo do curso da história humana e mudam a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural. Vygotsky acreditava que a internalização dos sistemas de signos produzidos culturalmente provoca transformações comportamentais e estabelece um elo de ligação entre as formas iniciais e tardias do desenvolvimento individual. Assim, para Vygotsky, na melhor tradição de Marx e Engels, o mecanismo de mudança individual ao longo do desenvolvimento tem sua raiz na sociedade e na cultura (Cole; Scribner, 1991, p. 11).

Vygotsky entende que a relação entre o sujeito e o ambiente não ocorre de maneira direta, mas mediada pelo uso de ferramentas e signos, como a linguagem, a escrita e os números. Desta forma, o desenvolvimento humano não é apenas biológico, mas também marcado pela ação da sociedade e pela cultura. Em resumo, para ele a mediação por ferramentas e signos é o elo que conecta o indivíduo à cultura, permitindo que o desenvolvimento pessoal seja resultado direto da vida social.

Em contrapartida Freire (2003) cita que o conhecimento não surge isolado, mas é construído a partir da interação entre o ser humano e o mundo, especialmente por meio de troca de experiências. Nesse processo, o papel do mediador é fundamental, pois seu saber deve estar socialmente elaborado para possibilitar o diálogo com os outros. Ao mesmo tempo, é necessário que esse mediador desenvolva a capacidade de compreender e respeitar a si próprio, de modo a contribuir para a formação de sujeitos críticos.

O desenvolvimento humano, especialmente no que se refere ao processo de aprendizagem, está profundamente relacionado às interações sociais. Nesse sentido, a aprendizagem não ocorre de forma isolada, pois os indivíduos, inseridos em grupos sociais,

convivem e interagem com outras pessoas, trocando informações e construindo conhecimentos coletivamente (Watari, 2022).

Sob a ótica das contribuições de Paulo Freire ensinar vai muito além de transmitir conteúdos e orientar quanto ao uso de recursos tecnológicos. A mediação crítica, fundamentada na perspectiva pedagógica do teórico, compreende o processo educativo como prática dialógica e provocadora, na qual o sujeito é incentivado a questionar, interpretar e reconstruir criticamente a realidade por meio do diálogo e da reflexão consciente. (Freire, 1970).

No ambiente educacional, a informação atua como suporte para o ensino e aprendizagem. No entanto, o volume crescente de informações e recursos disponíveis desafia educadores e alunos a encontrar maneiras eficazes de organizar, recuperar e disseminar esses conteúdos. O advento das TDIC facilitou a comunicação na pesquisa e no ensino. Essas tecnologias têm impactado significativamente no acesso e uso da informação no ambiente educacional. A internet, por sua vez, facilita o acesso a documentos por meio de sistemas de informação, a exemplo, as bibliotecas digitais, repositórios institucionais, portais de periódicos, ambientes virtuais de aprendizagem, catálogos *on-line*, entre outros.

Nas palavras de Lévy (2001, p. 114), “a tecnologia serve para a mobilização permanente das pessoas e das coisas”, revelando um movimento dinâmico da circulação da informação na sociedade atual. Esse pensamento se alinha em parte aos estudos de Almeida Júnior (2015) que reconhece a medicação da informação como um processo social e cultural que dá sentido ao movimento da informação.

Ao destacar os impactos que as tecnologias trouxeram para o acesso e uso da informação em ambientes educacionais no estudo de Bueno (2006), importante compreender o papel da mediação da informação, pois a ampliação do acesso não garante necessariamente uma aprendizagem valiosa ao passo que é através da mediação que se pode atribuir sentido ao fluxo de conteúdos, reorganizando os processos pedagógicos e buscando transformar o ensino tradicional em movimentos mais interativos. Isso leva a compreender que o uso de ferramentas tecnológicas possibilita melhorias na organização das instituições de ensino, alterando e aperfeiçoando a maneira como o ensino tradicional é conduzido.

Outro aspecto importante trazido no estudo de Bueno (2006, p. 58) quando ela diz que “a internet é uma das mais atrativas fontes de pesquisa atualmente” provoca o entendimento de que a Internet oferece um ambiente de aprendizagem acessível de maneira global, permitindo que pessoas de qualquer idade, idioma ou localização utilizem e adquiram conteúdos, porém, apesar desse acesso amplo aos conteúdos, faz-se necessário que haja

processos de mediação que sejam capazes de orientar, contextualizar todo volume de informação disponível.

Tecnologias como a IA, podem oferecer ferramentas poderosas para transformar a maneira como organizamos, recuperamos e disseminamos informações no ambiente educacional. Segundo Barbosa (2023, p. 10) “a tecnologia deve ser vista como uma ferramenta para auxiliar os educadores a fornecerem *feedback* personalizado e adaptar suas metodologias de ensino, mas não deve substituir o papel fundamental dos professores na educação.”

Desta forma, o autor enfatiza que a tecnologia, incluindo a IA, deve ser considerada como um recurso de apoio no processo educativo, em vez de ser vista como um substituto para os professores. A ideia é que a tecnologia traga benefícios significativos, como possibilitar o fornecimento de *feedback* personalizado aos alunos e permitir a adaptação de metodologias de ensino às necessidades individuais de cada estudante.

No entanto, o autor também alerta que o uso dessas tecnologias precisa ser acompanhado com responsabilidade. Isso significa que a IA deve trabalhar em colaboração com os professores, aproveitando o conhecimento pedagógico e a experiência profissional deles. Assim, os professores continuarão desempenhando seu papel essencial de mediar e estabelecer conexões humanas que nenhuma tecnologia poderá substituir e permanecerão mantendo seu papel indispensável de orientar, motivar e criar vínculos humanos.

Outro ponto importante trazido por Barbosa (2023) é o fato de ao optar pelo uso da IA na educação, as diferenças culturais e socioeconômicas devem ser levadas em consideração, pois essas variáveis influenciam diretamente o acesso, à experiência e os resultados dos alunos no processo de ensino-aprendizagem à medida que os alunos de diferentes contextos socioeconômicos podem ter níveis variados de acesso à tecnologia e ainda, cada comunidade possui desafios específicos que se adaptam de acordo com suas necessidades.

As discussões sobre mediação da informação trazidas nesta seção foram necessárias para compreender suas dimensões conceituais. Este levantamento serviu para fornecer elementos teóricos para analisar sobre os impactos das tecnologias como instrumentos capazes de reconfigurar e potencializar os processos de mediação. Desta forma, a próxima seção discutirá de que forma a IA pode ser utilizada em ambientes educacionais, ampliando as possibilidades de uso enquanto ferramenta de mediação de conteúdos promovendo novas dinâmicas de ensino e aprendizagem.

2.3 Inteligência artificial no contexto da Educação

2.3.1 Conceitos e fundamentos da IA

O ponto de partida desta seção é a definição de Barbosa e Portes (2023, p.17) que diz “a Inteligência Artificial é um ramo das ciências da computação que busca construir mecanismos, físicos ou digitais, que simulem a capacidade humana de pensar e de tomar decisões”.

Desde 1950, o matemático britânico Alan Turing já pensava na possibilidade de máquinas raciocinarem ou mesmo serem capazes de dialogar com seres humanos. Turing antecipou a ideia da IA, antes mesmo do termo existir e sua abordagem era mais filosófica e teórica. O termo Inteligência Artificial foi criado de fato por John McCarthy, cientista da computação americano, conhecido como o “pai da inteligência artificial”. Ele inventou o termo durante a Conferência de Dartmouth em 1956, marcando o início das pesquisas nesse campo. Seu estudo, mais prático e técnico, foi voltado para desenvolver sistemas que realmente pensassem.

Os dois estudiosos tiveram importante participação no surgimento da Inteligência Artificial. Turing foi o visionário que lançou as bases teóricas da IA propondo as primeiras ideias. Enquanto McCarthy foi o cientista da computação que traduziu essas ideias em sistemas reais, criando ferramentas e estruturas para tornar a IA uma área de estudo aplicável.

A leitura de Barbosa e Portes (2023) permite compreender que os sistemas baseados em Inteligência Artificial, são sistemas que se alimentam de dados, isso quer dizer que eles funcionam a partir da inserção de grandes volumes de dados e quanto mais recebem esses dados, mais conseguem aprender sobre determinados padrões, comportamentos e/ou situações. Ademais, quanto mais novos dados os sistemas de inteligência artificial recebem, mais eles se adaptam e melhoram seus resultados. Os autores citam dois termos importantes que devem ser compreendidos para entender melhor a natureza da Inteligência Artificial, são eles: *Machine Learning* e *Deep Learning*.

A *Machine Learning*, cuja tradução para o português é aprendizado por máquina, é “um campo de estudo e de desenvolvimento de tecnologias na intersecção da estatística, inteligência artificial e ciência da computação, que funciona basicamente como mecanismo para extração de conhecimento a partir de dados.” (Almeida *et al.*, 2021, p.11).

Os autores descrevem o aprendizado por máquina como um campo interdisciplinar que une conhecimentos da estatística, inteligência artificial e ciência da

computação. Essa junção tem condições de fornecer as bases para desenvolver tecnologias que permitam a análise e interpretação de grandes volumes de dados que são inseridos em sistemas de IA. O objetivo principal do aprendizado por máquina é conseguir extrair dos dados brutos informações que sejam úteis, e que possam ser transformadas em resultados confiáveis. O aprendizado por máquina pode ser aplicado em diversas áreas: saúde, comércio eletrônico, redes sociais, entretenimento e instituições financeiras.

A *Deep Learning*, em português, aprendizado profundo, pode ser representada como uma evolução do *Machine Learning*, à medida que pode apresentar uma capacidade para resolver problemas de maior complexidade. A exemplo, sistemas de reconhecimento de fala, que convertem áudio em texto (Alexa, Siri). Em resumo, Machine Learning (ML) e Deep Learning (DL) são subcampos que buscam ensinar computadores a aprenderem com os dados a realizar tarefas específicas.

Segundo Silva *et al.* (2023) “ao longo dos anos, a cultura digital passou por uma evolução significativa, dando origem à emergente presença da inteligência artificial. Esta, representa a capacidade dos dispositivos eletrônicos de operarem de forma análoga ao pensamento humano”.

De acordo com o trecho citado, a autora enfatiza como essa evolução da cultura digital levou ao desenvolvimento da inteligência artificial, que é uma das maiores conquistas tecnológicas derivadas desse progresso. Ao dizer que a IA “opera de forma análoga ao pensamento humano”, a autora sugere que ela foi projetada para simular capacidades cognitivas humanas, como aprendizado, raciocínio e tomada de decisão. Embora não seja igual ao funcionamento do cérebro humano, a IA utiliza mecanismos que imitam certos aspectos do pensamento, proporcionando soluções criativas que tem se manifestado em diversos setores.

Desde a sua criação, os sistemas de Inteligência Artificial vêm se desenvolvendo e sendo aplicados em diferentes contextos e setores: empresariais, educacionais, saúde, indústrias e serviços. Sua aplicação tem possibilitado uma transformação no funcionamento das instituições, economizando tempo e recursos, tornando os processos mais eficientes. Na educação, o uso de IA pode trazer inúmeros benefícios, mas também levanta uma preocupação sobre os desafios éticos que precisam ser abordados de maneira cuidadosa. A introdução dessa tecnologia no contexto do ensino-aprendizagem tem ganhado destaque e se tornado uma temática recorrente nas pesquisas acadêmicas.

2.3.2 Tecnologias de IA para educação

A literatura consultada neste trabalho mostra que já existem diversos estudos que exploram o uso da IA como uma ferramenta que contribui para transformar e melhorar a educação. No estudo de Silva *et al.* (2023) verificou-se uma análise do impacto da inteligência artificial na educação, destacando a personalização da aprendizagem como um benefício, bem como a valorização da união entre IA e supervisão humana como importantes aliadas para aumentar os ganhos educacionais.

Segundo Silva *et al.* (2023) a IA está provocando uma mudança profunda na área educacional. Por esta razão, seu estudo buscou analisar o impacto, benefícios e efeitos que o advento dessa tecnologia proporciona. O estudo permitiu uma investigação de como a personalização da aprendizagem por meio da IA influencia no processo educacional e ainda, avaliou a eficácia da tecnologia na avaliação e no *feedback* dos alunos, considerando seu potencial para aprimorar o avanço do aprendizado.

O desenvolvimento da sociedade contemporânea é marcado pela abundante utilização das TDIC, transformando vários setores, e em especial o setor educacional. De acordo com Silva *et al.* (2023) as tecnologias chamadas de primeira geração atuam como ferramentas para facilitar o acesso à informação, aprimorando a eficácia do trabalho do professor.

Neste sentido, a autora destaca que as tecnologias de primeira geração, como computadores e a internet, desempenham um papel de apoio no ambiente educacional. Elas foram criadas e utilizadas para ampliar o acesso à informação, permitindo que tanto professores quanto estudantes possam obter conteúdos de forma mais acessível, rápida e eficiente. Isso trouxe inúmeros benefícios para os professores, à medida que ajudou a otimizar o seu trabalho, utilizando essas ferramentas para planejar aulas, elaborar materiais, e oferecer experiências de aprendizado mais ricas e diversificadas. Contudo, apesar dessas tecnologias não transformarem a forma como o aprendizado ocorre, elas se tornaram instrumentos que podem possibilitar melhoria nos métodos de ensino.

A incorporação da IA nas práticas educativas não deve ser baseada apenas na atualidade, considerando que o processo de assimilação do conhecimento é individual. (Silva *et al.* 2023). A colocação sugere que a utilização da inteligência artificial na educação precisa ser analisada de maneira cuidadosa, e não limitar-se à ideia de que ela é uma tendência tecnológica do momento. Isso porque o processo de aprendizado varia de pessoa para pessoa. A autora destaca que a educação é um processo altamente personalizado e que tecnologias

como a IA devem ser implementadas considerando essa diversidade. Em vez de simplesmente adotá-la por ser inovadora, é essencial refletir sobre como ela pode respeitar e atender as especificidades de cada indivíduo.

O estudo de Silveira (2019) aborda como a inteligência artificial vem sendo utilizada na educação. A pesquisa apresenta algumas tecnologias disponíveis que melhoram o desempenho de plataformas educacionais. Além disso, mostra algumas instituições educacionais que estão à frente no uso da IA no contexto do ensino, a exemplo a *Altschool*, na Califórnia, a *Mindspark*, na Índia e a *Third place Learning*, no Reino Unido, e no Brasil, em São Paulo, no Centro Educacional SESI, permitindo ajudar profissionais da área a criarem políticas públicas para a melhoria na educação.

A insuficiência de políticas governamentais gera uma exclusão digital para a maioria dos estudantes de escolas públicas, evidenciando o contraste presente na realidade das instituições educacionais contemporâneas (Silveira, 2019). Isso leva a compreender que enquanto a educação avança com a tecnologia, a maioria dos alunos de escolas públicas não têm acesso a esses recursos. Isso acontece porque as políticas governamentais não garantem o suporte necessário e porque muitas escolas públicas possuem infraestrutura física precária, dificultando a implementação de ferramentas tecnológicas em seu ambiente.

O estudo de Silveira (2019) também reafirma a ideia do papel essencial dos professores e profissionais da educação na disseminação do conhecimento digital dentro do ambiente escolar. O estudioso argumenta que existem diversas plataformas digitais que disponibilizam materiais educativos, como vídeos, jogos, imagens, textos eletrônicos, que poderiam ser melhor aproveitadas no processo de ensino aprendizagem. Além disso, ele ressalta que novos conteúdos digitais são produzidos constantemente, o que possibilita trazer mais dinamismo ao aprendizado e facilitar tanto o trabalho do professor quanto o engajamento dos alunos. A ideia central é que o acesso e o uso eficaz dessas ferramentas tecnológicas possam transformar a maneira como o conhecimento é transmitido, tornando o ensino mais acessível, interativo e atualizado.

A busca por uma educação que respeite e valorize as particularidades de cada aluno é um objetivo que vem sendo almejado há muito tempo por educadores e pesquisadores. Entende-se que quando o aluno ingressa na escola ele já traz seus conhecimentos prévios, interesses e necessidades. Desta forma, o ensino personalizado surge como uma abordagem educacional que busca ajustar essas experiências às necessidades de cada aluno.

Segundo Oliveira Filho *et al.* (2024), a personalização do aprendizado é um dos principais pilares do uso da inteligência artificial na educação, pois permite adaptar os

materiais às necessidades individuais dos alunos, tornando o processo mais eficaz e envolvente do que as metodologias tradicionais.

Nesse contexto, a IA surge como uma ferramenta capaz de ajudar nesse processo de personalização de conteúdos, pois pode ser capaz de lidar com grandes volumes de informações, tomar decisões com base nessas informações e se adaptar conforme o contexto ampliando as possibilidades para criar soluções educacionais que proporcionem experiências de ensino mais personalizadas e adequadas às particularidades de cada estudante (Lukin *et al.*, 2016; Woolf, 2009).

Através dessa tecnologia, poderá ser possível oferecer um ensino personalizado, ajustando conteúdos e metodologias de acordo com o ritmo e as dificuldades individuais de cada estudante. Somando-se a isso, a inteligência artificial pode vir a tornar mais acessível à utilização de ferramentas digitais e viabilizar sistemas de ensino adaptáveis, permitindo que os alunos aprendam de maneira mais independente o que pode tornar o processo educativo mais dinâmico.

Um sistema de aprendizagem adaptativo tem como objetivo fornecer recursos personalizados para estudantes, especialmente a aprendizagem de conteúdos e as interfaces preferidas pelos alunos para processar a sua aprendizagem (Aroyo *et al.*, 2006). A aprendizagem adaptativa é uma abordagem pedagógica que utiliza recursos tecnológicos para individualizar o processo de aprendizagem dos estudantes. O avanço dessa abordagem foi possível graças ao desenvolvimento da tecnologia de *Big Data* (Peng, 2019) que é uma tecnologia que coleta e analisa dados sobre o comportamento dos estudantes, através de perguntas, respostas, interatividade, tempo, e a partir dessas informações coletadas identificam padrões de aprendizagem e promovem a adaptação de conteúdos.

O estudo de Plooy, Casteleijn e Franz-sen (2024, p. 2) expõem que “o advento da aprendizagem adaptativa personalizada transformou significativamente o ensino superior ao combinar princípios de aprendizagem personalizada com tecnologias de aprendizagem adaptativa”. A educação que utiliza as TDIC, por meio do *e-learning*, forma de ensino e aprendizagem que ocorre por meio de dispositivos eletrônicos conectados à internet, oferece ao estudante maior flexibilidade para gerir sua própria aprendizagem.

Isso porque permite o acesso a conteúdos que se alinham ao seu modo particular de aprender, promovendo um ensino mais personalizado e adaptado às suas preferências individuais (Silva, 2017). Considerando essa abordagem, o estudante pode ser capaz de aprender no seu próprio ritmo escolhendo documentos e materiais que se assemelham ao seu estilo de aprendizagem.

2.3.3 IA no ensino superior: formação e práticas acadêmicas

O período da COVID-19 provocou grandes transformações na vida e na rotina das pessoas. No ambiente educacional foram observadas consequências significativas que afetaram o acesso e a qualidade do ensino. Especialmente no contexto brasileiro, para que os prejuízos não fossem ainda maiores, professores e estudantes tiveram que recorrer ao ensino remoto, o que foi desafiador para muitos devido à falta de acesso às tecnologias ou mesmo à internet.

Esse novo modelo de ensino motivou a adoção de ferramentas digitais e após o retorno à normalidade das atividades presenciais, muitas dessas práticas foram incorporadas ao ambiente presencial educacional. Dentre as várias ferramentas digitais que podem ser utilizadas no ambiente educacional, Figueiredo *et al.* (2023) cita que “uma alternativa para motivar os alunos e tornar o aprendizado mais envolvente pode ser a Inteligência Artificial”. Além de ressaltar o grande potencial que a IA contribui para a educação, o autor também afirma que a IA tem a chance de motivar alunos, à medida que tecnologias inteligentes podem ser capazes de tornar o aprendizado mais atrativo, utilizando recursos como conteúdo interativo e dinâmico, que despertam o interesse dos estudantes.

Ainda de acordo com Figueiredo *et al.* (2023) instituições de todo mundo já estão utilizando a IA em suas práticas pedagógicas e no Brasil esse processo ainda está em fase de desenvolvimento, isso pode ser justificado por aspectos políticos, sociais e econômicos, que impedem a utilização da IA de forma mais robusta na educação brasileira.

Na UFC, iniciativas acadêmicas têm desempenhado um papel relevante na promoção do debate científico sobre os avanços e desafios da IA. Um exemplo significativo, observado já no início de 2026, foi a realização do III Workshop CRIA/CEREIA: Inteligência Artificial em Saúde, aplicações e novos desafios, promovido pela universidade, que reuniu pesquisadores, docentes e profissionais da área da saúde com o objetivo de discutir o uso da IA em contextos reais.

O evento destacou aplicações práticas da inteligência artificial em áreas como diagnóstico, gestão de serviços de saúde e saúde pública, ao mesmo tempo em que promoveu reflexões sobre usos éticos e metodológicos associados ao desenvolvimento e à implementação dessas tecnologias. A realização de eventos dessa natureza evidencia a importância de espaços acadêmicos, locais para a disseminação do conhecimento e fortalecimento de pesquisas.

Em outubro de 2025, através da publicação da Portaria nº 39 pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará, a universidade anunciou o fortalecimento de iniciativas institucionais voltadas à regulamentação ética do uso da inteligência artificial no meio acadêmico. Através do documento foram estabelecidas diretrizes para o uso de ferramentas de verificação de similaridade e regulamentação da utilização de ferramentas de IA nos trabalhos acadêmicos da pós-graduação.

A normativa reforça a obrigatoriedade da submissão dos textos em mecanismos institucionais de detecção de similaridade, ao mesmo tempo em que define princípios fundamentais para o uso ético da inteligência artificial. Ao permitir o uso da IA apenas como suporte auxiliar, mediante declaração explícita, a portaria evidencia a preocupação da universidade em preservar a originalidade intelectual na produção científica.

Ainda no âmbito local, uma pesquisa desenvolvida também na UFC tem demonstrado o potencial da IA como ferramenta de apoio à saúde. O trabalho realizado por pesquisadores da universidade resultou no desenvolvimento de um sistema baseado em IA capaz de identificar precocemente uma das principais causas de cegueira, para isso combinaram conhecimentos da Medicina, Matemática e Inteligência Artificial para desenvolver um algoritmo capaz de identificar prematuramente a retinopatia diabética.

Essa iniciativa evidencia como a aplicação de métodos computacionais avançados pode contribuir para o aprimoramento do diagnóstico médico, auxiliando profissionais de saúde na tomada de decisão clínica. Os resultados do estudo foram publicados recentemente, em 14 de outubro de 2025, na *Scientific Reports*, renomado periódico do grupo *Nature*.

A consolidação da inteligência artificial como área de pesquisa, inovação e formação profissional é reforçada pela criação do curso de Bacharelado em Inteligência Artificial no Campus de Quixadá da UFC ofertado a partir de 2026. A criação desse curso representa um marco importante na institucionalização da IA no ensino superior, ao proporcionar uma formação mais específica. A implementação do curso corrobora com a presença cada vez mais forte da inteligência artificial no âmbito educacional, evidenciando seu papel central na transformação dos processos de ensino, aprendizagem e produção do conhecimento, além de atender à crescente demanda por profissionais qualificados nessa área.

Além disso, nos últimos anos, a Universidade Federal do Ceará vem se destacando como protagonista na organização de importantes eventos científicos que discutem a temática Inteligência Artificial. A exemplo foi realizado de forma conjunta a 35ª Conferência Brasileira sobre Sistemas Inteligentes (Bracis) e o 40º Simpósio Brasileiro de Banco de Dados (SBBD), em Fortaleza, evidenciando o interesse institucional da UFC no

engajamento da comunidade científica. O evento reuniu aproximadamente mil pesquisadores, estudantes e profissionais de diferentes regiões do país, promovendo a disseminação de pesquisas recentes e a troca de conhecimento.

No contexto da formação acadêmica em Biblioteconomia diante da chegada da IA, Silva (2024) a descreve como um “caminho em construção” marcado pela necessidade de reestruturação curricular buscando evitar a desatualização profissional, juntando-se com a ideia de que a inclusão da ferramenta não aponta para o fim da profissão, mas para uma mudança de competências que exijam que a formação vá além de somente práticas tradicionais. Acrescentando a essa discussão Prudêncio *et al.* (2025) destaca que muitos dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) são anteriores à 2010, o que pode vir a prejudicar a formação de competências digitais e aplicação das mesmas no ambiente profissional.

Como expressa Loeblein (2025, p. 42) “a inclusão da IA na grade curricular deve ser seguida de uma formação ética. É importante que os futuros profissionais da informação estejam prontos para lidar com dilemas relacionados com privacidade de dados”. Pensamento este que corrobora com Silva (2024) quando reforça a importância de regras de privacidade que busquem manter um equilíbrio entre o desenvolvimento tecnológico e a proteção dos sujeitos.

O estudo de Prudencio *et al.* (2025) mostra que, no contexto da graduação, a inclusão da IA nos currículos ainda é vista de forma tímida, e identifica apenas dois cursos que anunciam disciplinas que tratam da temática da IA, um deles na Universidade de São Paulo (USP), com a disciplina Inteligência “Artificial no Tratamento da Informação Registrada” e o outro na Universidade Federal do Cariri (UFCA), com a disciplina “Tecnologias da Informação I”. Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Escola de Ciência da Informação oferece a disciplina optativa “Inteligência Artificial e suas formas de aplicação em serviços de bibliotecas: tendências tecnológicas” (Silva, p.29, 2024).

Por outro lado, Tauil *et al.* (2025) observou em seu estudo um cenário mais movimentado nos cursos de pós-graduação, com um resultado de 26% de programas que já trazem em suas disciplinas temáticas sobre a IA. O autor chama atenção que esses dados podem conter erros advindos dos processos de atualização das ementas na Plataforma Sucupira, que foi o cenário utilizado em sua pesquisa.

A incorporação da IA como parte na formação curricular dos cursos de graduação em Biblioteconomia é uma discussão que tem sido tratada na literatura. Silva (2024) reforça que a ferramenta deve ser percebida como um elemento que estimule a renovação e desenvolvimento de centros de informação. Já Ribeiro (2024) acrescenta que a adaptação da

IA requer mais do que novos conteúdos, mas sobretudo exige uma mudança nos métodos de ensino, visando a formação de estudantes capazes de pensar de maneira crítica.

E de maneira conclusiva, Prudêncio *et al.* (2024) e Silva (2024) comungam do mesmo pensamento quando falam que o bibliotecário deve assumir um papel de analista crítico e defensor ético da informação, buscando promover o letramento em IA para garantir que o uso da tecnologia esteja alinhado aos valores democráticos de inclusão e acesso ao conhecimento.

Ampliando o debate sobre o uso de ferramentas de IA aplicadas ao ensino superior, Oliveira Filho *et al.* (2024, p. 1089) cita que:

A capacidade da IA em simular cenários desafiadores e apresentar problemas complexos contribui para o desenvolvimento de competências que transcendem a mera absorção de conhecimento, preparando os alunos para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

De acordo com a citação do autor, compreende-se que ao criar situações realistas que exigem raciocínio crítico por parte dos alunos, enfatiza-se que para além de fornecer informações, a IA tende a estimular habilidades mais complexas, como a criatividade e o pensamento crítico, o que poderá ajudar os estudantes a estarem mais bem preparados para lidar com desafios sociais, profissionais e tecnológicos advindos do século XXI.

Outro potencial transformador da IA citado por Oliveira Filho *et al.* (2024) é a possibilidade que a IA pode ter em favorecer uma aprendizagem social mais dinâmica ao conectar estudantes em ambientes virtuais colaborativos ampliando os limites físicos das salas de aula, aumentando as possibilidades de trocas culturais e contribuições interdisciplinares.

Outro grande feito que a IA trouxe, foi a possibilidade de personalização do aprendizado. Ainda no estudo de Oliveira Filho *et al.* (2024, p. 1090) ele relata que “estudos empíricos indicam que a personalização do aprendizado impulsionada pela IA resulta em melhorias significativas na retenção de conhecimento e no envolvimento dos alunos”. Através da afirmação é possível deduzir que pesquisas baseadas em observações reais, mostram que quando o ensino é personalizado com o auxílio da IA, estudantes tendem a aprender melhor e podem se mostrar mais envolvidos, visto que o conteúdo pode se tornar mais relevante e adaptado às necessidades de cada um, o que talvez consiga aumentar a compreensão.

Assim como qualquer inovação, que traz consigo benefícios importantes, observa-se também que alguns desafios merecem atenção. Segundo Oliveira Filho *et al.* (2024, p. 1090) “é fundamental tratar das desigualdades no acesso, garantindo que todos os estudantes possam envolver-se de forma plena na aprendizagem social e colaborativa,

independentemente das suas condições pessoais”. À luz do pensamento do autor, entende-se que para garantir uma educação justa a todos, será preciso levar em consideração que nem todo mundo tem o mesmo acesso às tecnologias, e por isso muitos desses alunos tendem a ficar em desvantagem.

Outro ponto relevante trazido na fala de Oliveira Filho *et al* (2024, p. 1096) sobre “confiar totalmente nas recomendações da IA pode eximir os humanos da responsabilidade moral e ética” traz um alerta para o fato de ao aceitar automaticamente todas as informações que as ferramentas que utilizam IA fornecem, sem questionar ou avaliar de maneira crítica, poderá fazer com que as pessoas se sintam menos responsáveis por decisões que venham a tomar baseadas nas informações recebidas, o que reforça a importância de haver um julgamento humano.

Além disso, Franqueira *et al* (2024, p. 5) observa que “a IA deve ser vista como uma ferramenta complementar, e não substitutiva”. Esta afirmação reforça a ideia de que o uso de ferramentas baseadas em IA para ambientes educacionais pode vir a ser usada como um reforço para facilitar a consolidação de informações já existentes ou mesmo melhorar a compreensão daquelas mais complexas. No entanto, não é adequado apenas pedir para IA resolver problemas ou trazer respostas sem entender o processo, pois isso possivelmente prejudicará o desenvolvimento de capacidades como raciocínio, interpretação e escrita.

O estudo de Franqueira *et al.* (2024, p. 5) aponta alguns desafios enfrentados para a incorporação da inteligência artificial nas práticas educacionais, são eles: “a resistência à mudança por parte dos educadores, a falta de infraestrutura adequada e a necessidade de formação contínua para o uso eficaz das tecnologias de IA”. Pode-se inferir a partir da citação que a inclusão da IA na educação não dependerá apenas da ferramenta em si, mas também de fatores humanos e estruturais, através de políticas e investimentos que apoiem sua utilização e que tragam resultados que sejam transformadores.

Sobre a personalização do ensino, Silva (2024, p. 1) aponta que “ao adaptar o conteúdo e as atividades às necessidades individuais do aluno, alinha-se com a visão construtivista de que o aprendizado é um processo ativo e individualizado”. Assim, entende-se que essa personalização está em sintonia com o construtivismo, teorias propostas pelos teóricos como Piaget e Vygotsky, entre as décadas de 1920 a 1970, que dizem que o conhecimento é construído pelo próprio aluno, através da interação com o meio, com os outros e com o conteúdo. De acordo com o construtivismo, aprender não é apenas receber informações prontas, mas explorar, questionar, experimentar e refletir, de forma única e pessoal.

Nas palavras de Silva (2024, p. 3) “as tecnologias educacionais podem ser aliadas poderosas na implementação de um ensino personalizado que leve em conta as múltiplas inteligências”. Esse entendimento é reforçado pela capacidade dessas ferramentas de poderem oferecer recursos flexíveis e adaptáveis, respeitando os diferentes modos de aprender de cada aluno, podendo promover um ensino mais inclusivo e eficaz.

Ainda nesse estudo Silva (2025) concluiu que a IA pode se mostrar como uma ferramenta com grande potencial para a personalização do ensino, pois pode permitir adaptações de conteúdos e recursos de acordo com as necessidades de cada aluno, o que pode representar um avanço importante para enfrentar os desafios na educação diante de contextos marcados pela diversidade e desigualdades, como é o caso do Brasil.

A seguir, alguns exemplos de aplicações da Inteligência Artificial:

Quadro 1 - Ferramentas de Inteligência Artificial.

Modalidades de uso da IA	Funcionamento	Exemplos	Personalização
Sistemas de Aprendizagem Adaptativa (ALS – <i>Adaptive Learning Systems</i>)	Plataformas que ajustam dinamicamente o conteúdo, o ritmo e a dificuldade das atividades com base no desempenho do aluno em tempo real. Utilizam algoritmos de Machine Learning para analisar as respostas dos alunos e determinar o próximo passo mais adequado em sua trilha de aprendizagem.	<i>Knewton, ALEKS, Smart Sparrow</i> (internacionais), <i>Geekie, Qmágico</i> , <i>Khan Academy, Duolingo, Smart Sparrow</i> e <i>DreamBox Learning</i>	Foco na adaptação do ritmo e da sequência de conteúdo.
Tutores Inteligentes (ITS – <i>Intelligent Tutoring Systems</i>)	Sistemas que buscam simular a interação uma a uma de um tutor humano. Oferecem feedback detalhado, dicas, explicações e problemas personalizados.	<i>AutoTutor, Cognitive Tutor</i> (internacionais), <i>Carnegie Learning</i> , e <i>Andes Physics Tutor</i>	Foco no suporte individualizado, feedback e estratégias de ensino.

<i>Learning Analytics (LA) e Educational Data Mining (EDM)</i>	Coleta, análise, interpretação e apresentação de dados sobre os estudantes e seus contextos, com o objetivo de compreender e otimizar a aprendizagem e os ambientes onde ela ocorre.	<i>Blackboard Analytics, Canvas Analytics, Moodle Learning, Analytics, Orange, RapidMiner.</i>	Permite a identificação de necessidades individuais para intervenções personalizadas, tanto pelo sistema quanto pelo professor.
Sistemas de Recomendação Educacional	Utilizam algoritmos para sugerir aos alunos recursos educacionais (vídeos, artigos, exercícios, cursos, colegas com interesses similares) que sejam relevantes para seu perfil, histórico de aprendizagem ou objetivos.	<i>Coursera, Khan Academy; MyTutor, GREC, Coursera Moodle e Khan Academy</i>	Foco na curadoria de recursos e caminhos de aprendizagem alinhados aos interesses e necessidades do aluno.
IA Generativa	Modelos de linguagem capazes de gerar textos, responder perguntas, resumir informações, criar exemplos, com base em prompts.	<i>ChatGPT, Gemini, Copilot, Claude e DeepSeek, Canva</i>	Pode ser usada para gerar explicações personalizadas, exemplos adaptados, ou como ferramenta para o aluno explorar tópicos de forma interativa.

Fonte: Elaborado pela autora (Silva, 2025)

Objetivou-se com a construção da tabela uma visualização organizada de maneira clara e objetiva com elementos que pudessem ajudar a entender e comparar as diferentes aplicações da IA. A primeira coluna identifica os diferentes tipos de aplicação da tecnologia. Já a segunda coluna descreve como a IA funciona em cada modalidade, com explicações resumidas dos mecanismos e processos operacionais envolvidos. Na terceira coluna, são apresentados alguns exemplos de ferramentas que utilizam IA, identificadas com as leituras realizadas durante a construção desse trabalho. E por fim, a última coluna traz uma indicação de como a IA irá se adaptar às características e necessidades das pessoas que as utilizam.

O quadro apresentado trouxe um levantamento preliminar, baseado nas leituras feitas, em especial a de Silva, Alarcão e Faria (2025), para exemplificar algumas plataformas que utilizam recursos de IA e que podem ser utilizadas em ambientes educacionais. Ressalta-se que esse resultado ainda é inicial, visto que com a obtenção e análise dos dados obtidos com a aplicação das entrevistas com os alunos do Curso de Biblioteconomia da UFC, esse levantamento identificará outras ferramentas de IA utilizadas no contexto acadêmico, que complementarão esse mapeamento, visando atender um dos objetivos específicos deste estudo.

3 METODOLOGIA

A ciência se apresenta como um processo de investigação que procura atingir conhecimentos sistematizados e seguros. Para que se alcance esse objetivo é necessário que se planeje o processo de investigação. Planejar significa, aqui, traçar o curso de ação que deve ser seguido no processo de investigação científica (Köche, 2015, p.121)

A metodologia, elemento essencial para pesquisa científica, caracteriza-se como um conjunto de procedimentos rigorosos e sistemáticos que visam orientar o pesquisador quanto à trajetória a ser seguida, contribuindo para o avanço da produção científica. Mattar e Ramos (2021, p. 117) afirmam que “as metodologias utilizadas em uma pesquisa devem estar alinhadas com o tema, o referencial teórico, o problema, os objetivos e as questões e/ou hipóteses definidas no seu planejamento”.

O presente trabalho busca investigar a Inteligência Artificial (IA) como ferramenta de mediação da informação a partir das percepções dos discentes do Curso de Biblioteconomia em uma universidade federal, acerca de seu uso nas práticas acadêmicas. Segundo Köche (2011) compreende-se a pesquisa como uma atividade planejada e estruturada, voltada para adquirir novos conhecimentos, resolver questões, validar teorias já existentes ou desenvolver novas explicações teóricas.

Conforme argumenta Gonsalves (2018), é importante também avaliar as repercussões sociais de uma pesquisa e garantir a aplicação criteriosa dos métodos científicos. Com isso, entende-se que uma pesquisa científica não deve ser feita apenas por interesse pessoal ou curiosidade, mas deve-se considerar também os efeitos e a importância que ela pode trazer para a sociedade. A importância de se aplicar métodos de forma cuidadosa pode garantir uma melhor confiabilidade nos resultados e possibilitar a sua reprodutibilidade.

Nesse sentido, a pesquisa científica exige rigor metodológico, pois, como adverte Gonsalves (2018, p. 56), ela não emprega seus recursos de forma aleatória, mas exige um planejamento sistemático. Desta forma compreende-se que a pesquisa científica é uma atividade que exige planejamento e não é feita de forma improvisada, e ainda, os métodos adotados para realizá-la não podem ser escolhidos ao acaso.

Richardson (2017, p.14), aponta que o “conhecimento científico refere-se a um corpo generalizado de leis e teorias para explicar um fenômeno ou comportamento adquiridos usando o método científico”. O compromisso analítico que este trabalho assume está ancorado na compreensão da metodologia como elemento central para o desenvolvimento da proposta de pesquisa. Com isso, segundo o autor supracitado, não intentamos apontar verdades

absolutas, mas a máxima apreensão do fenômeno, expondo o caminho percorrido na construção do trabalho, análise dos dados e apresentação dos resultados.

O exercício do conhecimento científico exige atenção e cuidado com o processo de investigação. Nas palavras de Köche (2015, p. 122):

O planejamento de uma pesquisa depende tanto do problema a ser investigado, da sua natureza e situação espaço temporal em que se encontra, quanto da natureza e nível de conhecimento do investigador. Isso significa que pode haver um número sem fim de tipos de pesquisa.

Tal como afirma o autor, não existe uma receita única para fazer pesquisa, pois tudo dependerá do tema que se deseja investigar e do olhar do pesquisador. Por isso, um planejamento bem feito é essencial, visto que é nesse momento que se terá condições de escolher o caminho mais adequado para alcançar os objetivos propostos no estudo, com aderência à abordagem, objetivos, métodos e coleta de dados. Dessa forma, salientamos o esforço na apreensão metodológica do presente trabalho, mas também apontamos que se encontra passível de complementação, através de observações e demais leituras.

A figura a seguir sugere uma ilustração do processo de pesquisa, caminho que o pesquisador pode vir a percorrer desde a escolha do tema até a definição da metodologia e que será capaz de servir como orientação durante toda a pesquisa. Através da ilustração é possível compreender que uma pesquisa não se inicia diretamente na metodologia, antes, ela necessita passar por um processo, que vai desde escolha do tema, passando pela fundamentação teórica e planejamento, finalizando com a definição da metodologia.

Figura 1- Processo de Pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora (2025)

Segundo Mattar e Ramos (2021, p. 117) “as pesquisas podem ser classificadas por diferentes perspectivas, ou seja, não existe uma classificação geral e única; ao contrário, existem múltiplas tipologias, que variam em função dos critérios adotados”. E encontra aderência com o entendimento de Richardson (2017, p. 67), quando o estudioso expõe que o decurso da pesquisa “envolve questões e os procedimentos que emergem, os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações” sob responsabilidade do pesquisador acerca da significação dos dados.

A partir dessas premissas, a presente pesquisa caracteriza-se quanto aos seus procedimentos técnicos, natureza, abordagem e objetivos. Após isso, será apresentado o cenário designado para o estudo, o instrumento escolhido para coleta de dados, em seguida o desenho metodológico que a pesquisa percorreu, depois a técnica adotada para análise dos dados e seus aspectos éticos, buscando alcançar os objetivos geral e específicos, visando responder a questão de pesquisa que é: Como os estudantes do Curso de Biblioteconomia da UFC percebem o uso da Inteligência Artificial como ferramenta de mediação da informação em suas práticas acadêmicas?

3.1 Caracterização da pesquisa

Metodologicamente, esta pesquisa possui abordagem qualitativa. De acordo com Richardson (2017, p. 67), compreende-se como um “[...] meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos e grupos sociais atribuem a um problema social ou humano”. Tal como, uma “[...] lente pessoal situada em um momento sociopolítico e histórico” do(a) pesquisador(a). Buscar o alinhamento metodológico com a pretensão do trabalho possibilita a visualização do percurso com bases sólidas.

Nesse sentido, Gonsalves (2018, p.70) explica essa abordagem como uma preocupação com “a compreensão do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas”. Alinhado a isso, apontamos a primordialidade do contexto no qual acontece o exercício da pesquisa, como tal, “a pesquisa qualitativa carece que os fenômenos sociais sejam interpretados à luz do contexto, do tempo, dos fatos e análises de todas as interferências” (Michel, 2015, p.40).

Concordamos com a autora ao buscarmos a compreensão da realidade com fundamentos promotores de significado aos dados obtidos. A abordagem qualitativa se adequa à presente pesquisa, visto que “propõe entender, interpretar motivos e significados de um

grupo de pessoas em relação a uma questão especificamente determinada” (Michel, 2015, p.41). É nesse sentido que propomos analisar o uso Inteligência Artificial (IA) como ferramenta de mediação da informação a partir das percepções dos discentes do Curso de Biblioteconomia em uma universidade federal, acerca de seu uso nas práticas acadêmicas, considerando o avanço e a popularização dessas tecnologias.

Nas palavras de Mattar e Ramos (2021, p. 131):

As pesquisas qualitativas têm como objetivo geral compreender determinados fenômenos em profundidade. Isso implica explorá-los e descrevê-los por diversas perspectivas, além de compreender os significados e as interpretações que os participantes da pesquisa atribuem a esses fenômenos e às suas experiências.

De acordo com Gonsalves (2018, p.119) “classificar tipos de pesquisa segundo os objetivos significa indagar sobre as suas metas, as suas finalidades, sobre o tipo de resultado esperado”. Considerando alcançar os objetivos apresentados, esta pesquisa caracteriza-se como exploratória. Segundo Gonsalves (2018, p.120):

A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideais, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa também é denominado pesquisa de base, pois oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema.

Do mesmo modo, Michel (2015, p. 7), expõe que há busca pela “visão geral do objeto em estudo”, mas também a temática foi pouco explorada. Alinhada a proposta de pesquisa, na qual busca ouvir a voz dos estudantes acerca de como o uso da Inteligência Artificial se integra às práticas de estudo, “o estudo exploratório concentra-se em descobrir, por exemplo, a opinião de usuários”. Destarte, nos ancoramos nessas explanações para promover aproximação com o objeto de estudo e desenvolvermos a proposta de trabalho.

Ainda caracterizando a pesquisa, Gonsalves (2018, p. 36) descreve como bibliográfica, a que possui a finalidade de colocar “o investigador em contato com o que já se produziu a respeito do seu tema”, bem como “pela identificação dos dados escritos em livros, artigos de revistas, dentre outros”.

No que diz respeito aos procedimentos técnicos, a pesquisa bibliográfica foi adotada na etapa inicial do estudo para identificar autores e obras relevantes para fundamentação teórica. Segundo Lakatos (2003, p. 158) a pesquisa bibliográfica é definida como “um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”.

Para Fachin (2017, p. 112):

Entende-se que a pesquisa bibliográfica, em termos genéricos, é um conjunto de conhecimentos reunidos em obras de toda natureza. Tem como finalidade conduzir o leitor à pesquisa de determinado assunto, proporcionando o saber. Ela se fundamenta em vários procedimentos metodológicos, desde a leitura até como selecionar, fichar, organizar, arquivar, resumir o texto; ela é a base para as demais pesquisas.

Com o intuito de reunir informações que pudessem esclarecer o problema de pesquisa iniciou-se a fase de identificação descrita por Lakatos e Marconi (1986) como o “momento em que se reconhece o assunto relacionado ao tema investigado, utilizando-se, para isso, catálogos de bibliotecas, bibliografias, índices e resumos especializados”. Isto posto, inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico a partir de uma revisão de literatura através de consultas em bases de dados e bibliotecas científicas eletrônicas, como o Portal de Periódicos da Capes, dissertações e teses disponíveis na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), documentos na SciELO e Google Acadêmico, além de livros físicos disponíveis no acervo do SiBi-UFC e também livros eletrônicos da Plataforma Minha Biblioteca.

Entendeu-se ser necessária a escolha da pesquisa bibliográfica para iniciar o estudo por permitir que através dela seja feito um levantamento de documentos que tratem sobre o assunto com o objetivo de revisar a literatura atual. O que corrobora com o pensamento de Rampazzo (2015, p. 53) quando diz que antes de qualquer investigação prática, é essencial começar por uma pesquisa bibliográfica, “[...] quer para o levantamento da situação da questão, quer para fundamentação teórica, ou ainda para justificar os limites e contribuições da própria pesquisa”. O quadro a seguir, apresenta os autores que fundamentaram o referencial teórico desta pesquisa, os principais temas abordados e onde estão localizados nas seções do estudo.

Quadro 2 - Fundamentação Teórica da Pesquisa: Temas, Subtemas e Autoria.

Assunto Principal	Subtemas	Autores
Tecnologia e Educação	Tecnologias aplicada à educação	Moran (2000; 2007; 2013; 2018; 2021; 2024); (Burke, 2003); Bacich (2015); Sunaga e Carvalho (2015); Schneider (2015)
Mediação da Informação	Mediação na CI	Araújo (2018); Capurro (2003); Borko (1968); Le Coadic (2004); Gomes (2008); Gomes (2014; 2020); Almeida Júnior (2009; 2015); Silva (2015); Silva (2009); Santos Neto (2019); Da Silva (2018); Rangel e Martins (2024);

		Macedo Júnior (2020); Sousa Júnior, Nunes e Farias (2025)
	IA como mediadora da informação	Rangel (2024); Gómez (2002); Perrotti e Pieruccini (2014), Sperb e Sperb (2025); Borges (2021)
	Mediação da informação no contexto educacional	Cole; Scribner (1991); Freire (1970, 2003); (Watari, 2022); Lévy (2001); Bueno (2006); Barbosa (2023)
Inteligência Artificial	Fundamentos da IA	Barbosa e Portes (2023); Almeida et al (2021); Silva et al. (2023)
	IA no ensino-aprendizagem	Silva et al. (2023); Silveira (2019); Oliveira Filho et al. (2024); Lukin et al. (2016); Woolf (2009); Aroyo et al. (2006); Peng (2019); Plooy, Casteleijn e Franz-sen (2024)
	IA no Ensino Superior	Figueiredo et al. (2023); Oliveira Filho et al (2024); Franqueira et al (2024); Silva (2024); (Silva, 2025); Silva, Alarcão e Faria (2025); Silva (2024); Prudêncio et al (2025); Loeblein (2025); Tauil et al. (2025); Ribeiro (2024)

Fonte: Elaborado pela autora

3.2 Cenário da pesquisa

O estudo foi desenvolvido no âmbito da Universidade Federal do Ceará, junto ao Curso de Biblioteconomia, criado pela Resolução nº153/64 de 17 de fevereiro de 1964 e autorizado a funcionar pela Resolução nº 174/65, de 22 de janeiro de 1965 do Conselho Universitário. O curso foi reconhecido pelo Parecer nº 39/72 de 13 de janeiro de 1972 do Conselho Federal de Educação. O Decreto de reconhecimento de nº 70.168 de 18 de fevereiro de 1972 foi publicado no Diário Oficial da União de 21/02/1972, página 1.406.

O curso está vinculado ao Centro de Humanidades da UFC, que agrega os seguintes Departamentos: Ciências da Informação, Ciências Sociais, Estudos da Língua Inglesa, suas literaturas e Tradução, História, Letras Estrangeiras, Letras-Libras e Estudos Surdos, Letras Vernáculas, Literatura e Psicologia. Atualmente se destaca por sua natureza transdisciplinar, o que permite a integração de saberes das Ciências Sociais Aplicadas, área em que está inserido - e contribui para a ampliação dos contextos e espaços de atuação do bibliotecário.

O curso de Biblioteconomia, é ofertado na modalidade presencial, concede o título de Bacharel e adota o regime semestral. Sua integralização mínima é de seis semestres, média

em oito e máxima em doze, conforme as resoluções vigentes. São disponibilizadas 35 vagas por semestre, com atividades acadêmicas concentradas nos turnos vespertino e noturno.

A escolha do cenário da pesquisa partiu da observação da crescente utilização da IA em ambientes acadêmicos, especialmente em cursos que têm como objeto de estudo a gestão, organização e disseminação da informação, como é o caso do Curso de Biblioteconomia da UFC. E por se tratar de um curso que possui relação direta com os processos de mediação da informação, esta pesquisa será capaz de mostrar-se pertinente para promover uma reflexão sobre o uso da IA como ferramenta de mediação implícita da informação conectando à temática da CI.

Além disso, apreender a percepção dos alunos sobre o uso das tecnologias de IA como parte desse processo poderá permitir não só identificar o nível de familiaridade e aceitação dessas ferramentas, mas também identificar seus benefícios e limitações. Assim, estudar a utilização da inteligência artificial sob a ótica dos discentes do Curso de Biblioteconomia da UFC é de grande relevância para o fortalecimento das competências digitais dessa comunidade acadêmica e para o avanço das discussões sobre o papel da IA no ensino superior.

3.3 Participantes da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são os discentes de graduação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará. Foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão que orientaram a participação dos mesmos. Quanto aos critérios de inclusão, foram considerados elegíveis os participantes que: (i) fossem estudantes regularmente matriculados no Curso de Biblioteconomia da UFC; (ii) estivessem cursando a graduação em qualquer semestre no momento da coleta; (iii) ter utilizado alguma ferramenta de IA para fins acadêmicos nos últimos doze meses (iv) aceitar participar voluntariamente do estudo, registrando o aceite no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Já os critérios de exclusão foram: (i) estudantes não vinculados ao Curso de Biblioteconomia da UFC; (ii) discentes com matrícula trancada, cancelada ou inativa durante o período de coleta; (iii) estudantes que não tiveram nenhuma experiência de uso com IA para atividades de estudo e (iv) alunos que não concluírem o procedimento de consentimento.

3.4 Instrumento de coleta de dados

A coleta de dados é uma das etapas de uma pesquisa, que segundo Lozada e Nunes (2018, p. 183) “é o processo de recolhimento de informações para compor o estudo. Os dados recolhidos são utilizados como base para comprovar ou não os objetivos da pesquisa”. Para esse estudo a coleta de dados foi feita através de entrevista semiestruturada, que é uma técnica que se baseia em um roteiro de perguntas previamente elaborado, que permite flexibilidade para que o pesquisador possa aprofundar questões, explorar novas ideias que surjam durante a conversa e adaptar a linguagem ao contexto do entrevistado. Diferente de um questionário com perguntas fechadas, a entrevista semiestruturada combina a objetividade de um roteiro com a profundidade de uma conversa aberta, o que a torna particularmente adequada para pesquisas de abordagem qualitativa.

A abordagem qualitativa busca compreender o fenômeno em sua profundidade, e a entrevista semiestruturada é o instrumento que permite ao pesquisador ir além de respostas superficiais, explorando as nuances, as contradições e as particularidades da experiência de cada participante. Ela favorece a coleta de narrativas ricas e detalhadas, essenciais para uma análise aprofundada por meio da Análise de Conteúdo, conforme proposto por Bardin (2011). Em suma, este instrumento não busca apenas respostas, mas a construção de um diálogo que permita compreender o fenômeno a partir da perspectiva dos próprios sujeitos da pesquisa, valorizando suas vozes e experiências no contexto acadêmico.

A coerência entre o método de coleta de dados e os objetivos da pesquisa é um pilar para o rigor científico. A entrevista semiestruturada, neste estudo, não é apenas uma escolha técnica, mas uma decisão metodológica alinhada à natureza exploratória e qualitativa da investigação. Sua adequação se manifesta na capacidade de aprofundar a compreensão de um fenômeno complexo e multifacetado como o uso da inteligência artificial por estudantes de graduação. A seguir, detalha-se a pertinência da entrevista semiestruturada para cada um dos objetivos específicos da pesquisa:

Quadro 3 - Adequação do Roteiro com os objetivos específicos.

Objetivo Específico	Justificativa da Adequação da Entrevista Semiestruturada
Identificar as ferramentas de IA utilizadas	Permite não apenas listar as ferramentas, mas também explorar o contexto e a frequência de uso, as razões da escolha por determinadas tecnologias e o nível de habilidade que os estudantes acreditam ter.
Compreender percepções,	A natureza aberta do diálogo favorece a expressão de opiniões, sentimentos e atitudes em relação à IA, indo além de uma simples

aceitação e usos	escala de concordância. É possível captar as nuances de aceitação, de resistência e de formas criativas de apropriação da tecnologia no contexto acadêmico.
Analisar implicações na mediação da informação	A entrevista possibilitará investigar como a IA reconfigura a relação dos estudantes com as fontes de informação, o papel do professor e do bibliotecário como mediadores e como os algoritmos influenciam o acesso e a seleção de conteúdo, temas centrais para a Ciência da Informação.
Discutir as implicações éticas e pedagógicas do uso da IA	Através de perguntas pode-se explorar a percepção dos discentes sobre como a IA afeta sua capacidade de aprender de forma autônoma, o desenvolvimento do pensamento crítico e os riscos de uma possível dependência da ferramenta, além disso, os participantes poderão expressar suas preocupações e reflexões sobre plágio, autoria, privacidade dos dados, confiabilidade de conteúdos e o impacto geral da IA em sua formação profissional.

Fonte: Elaborado pela autora

A entrevista semiestruturada é o instrumento que viabiliza a coleta de dados ricos e contextuais, indispensáveis para responder à questão de pesquisa e alcançar os objetivos propostos, alinhando-se perfeitamente à proposta de uma análise qualitativa profunda, como a Análise de Conteúdo de Bardin que é a técnica que será utilizada neste estudo para análise dos dados. O roteiro de entrevista deste estudo foi elaborado visando guiar a entrevista de forma natural e coerente com problema, objetivo geral e objetivos específicos. As perguntas formuladas foram de caráter aberta e organizadas em blocos temáticos para facilitar a organização da conversa.

3.5 Desenho metodológico da pesquisa

Uma coleta de dados bem-sucedida começa muito antes da entrevista em si. A fase de planejamento prévio é primordial para garantir o rigor metodológico, a viabilidade do estudo e o cumprimento dos princípios éticos. Esta etapa envolve um conjunto de decisões e providências que estruturam a pesquisa de campo e preparam o terreno para uma interação produtiva com os participantes. Como já citado anteriormente, o público-alvo escolhido para este estudo foram os discentes do Curso de Biblioteconomia da UFC.

Inicialmente, foi solicitado junto à coordenação do curso autorização institucional para realização da pesquisa. Após, a pesquisadora realizou abordagens presenciais com os estudantes nas dependências da universidade, enviando ainda mensagens via *WhatsApp* aos líderes de turma, que se encarregaram de divulgar nos grupos de sala.

O contato inicial foi conduzido de forma privada, apresentando os objetivos da pesquisa de maneira clara. Após a manifestação de interesse, um convite formal foi enviado reforçando o caráter estritamente voluntário da colaboração e as garantias de sigilo. A pesquisadora ofereceu uma agenda flexível para se adequar à disponibilidade dos estudantes e a duração prevista para cada entrevista foi estipulada entre 30 a 60 minutos, respeitando o tempo do participante. As entrevistas ocorreram presencialmente, em local na própria universidade, mas também foi oferecida a opção de realizar a entrevista remotamente pela plataforma on-line (*Google Meet*). Elas foram realizadas no período de 15 a 30 de abril de 2026.

Uma vez estabelecidos o dia, horário, local ou plataforma, foi apresentado ao participante o TCLE para ser assinado antes da entrevista. A pesquisadora certificou-se de que o participante leu, compreendeu e assinou o documento. As assinaturas foram coletadas de forma digital e física. Ao dar início às perguntas, a pesquisadora solicitou autorização para gravação apenas do áudio. A gravação justifica-se para permitir a transcrição fiel da fala para posterior análise dos dados coletados, sendo de uso exclusivo para a pesquisa. Caso o participante não autorizasse a gravação, seria realizada anotação manual detalhada, respeitando a decisão do entrevistado. Ao final, o participante foi convidado a fazer comentários adicionais, em seguida a pesquisadora fez um breve encerramento, reforçando agradecimento, informando sobre o destino dos dados, e disponibilizando contato para eventuais dúvidas posteriores.

A entrevista foi conduzida a partir de um roteiro semiestruturado, composto por perguntas abertas e blocos temáticos alinhados ao problema e aos objetivos do estudo, permitindo flexibilidade para aprofundar aspectos emergentes. Os blocos formulados no roteiro incluíram: 1) Perfil e contexto Inicial; 2) Conhecimento e primeiro contato com a IA; 3) Experiências e práticas de uso da IA nos estudos - uso geral de IA e detecção de usos implícitos; 4) Percepções sobre contribuições e limites da IA; 5) IA, mediação da informação e autonomia e 6) Ética, integridade e o futuro da formação.

Para a condução da entrevista, o roteiro (disponível na íntegra no Apêndice A) foi desenhado especificamente para garantir a fluidez do diálogo e a convergência com os objetivos desta pesquisa. O instrumento foi construído com o intuito de facilitar a gestão do tempo e a profundidade do debate. É importante destacar que a estrutura do roteiro não se impõe de forma rígida; ao contrário, permite que o pesquisador adapte a ordem das perguntas e formule questões de aprofundamento conforme o fluxo da conversa e a necessidade de explorar nuances emergentes das falas dos entrevistados.

A amostra final foi consolidada em 10 entrevistas, abrangendo estudantes de ambos os sexos e de diferentes semestres do curso. Houve participação de discentes do primeiro, terceiro, quarto, quinto, sexto e último semestre. A coleta de dados foi encerrada na décima entrevista ao ser percebido pela pesquisadora um grau de saturação e repetição nas respostas. Além disso, foi observado que as falas já forneciam dados consistentes que traziam respostas aos objetivos propostos deste estudo, indicando que o objeto de estudo havia sido suficientemente explorado.

Para garantir a segurança dos dados coletados, após as entrevistas, estabeleceram-se os seguintes passos: primeiro a transferência dos arquivos de áudio para o computador da pesquisadora, nomeando-os com um código de identificação (ex: ALU 01) para garantir o anonimato do participante. Após os arquivos também foram armazenados em nuvem como medida de segurança. Concluída a coleta, os dados provenientes das entrevistas foram devidamente transcritos para o formato textual, e na sequência, todo material foi organizado em uma planilha e submetido ao tratamento analítico utilizando Análise de Conteúdo de Bardin (2016).

3.6 Técnica de análise dos dados

Finalizada a etapa de coleta, procedeu-se à fase de análise das informações obtidas. Para Gil (2014, p. 156) “a análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação”.

Os dados coletados foram analisados com base em categorias escolhidas previamente a partir dos objetivos propostos neste estudo. Para isso, optou-se por utilizar a Análise de Conteúdo de Bardin (2016), um método muito utilizado para interpretar e categorizar pesquisas com abordagem qualitativa. Além disso, essa metodologia é flexível, podendo ser aplicada em questionários, entrevistas, documentos, discursos, mídias sociais etc.

Sobre a definição desse método, Bardin (2011, p. 47) o descreve como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Em relação ao campo de aplicação da Análise de Conteúdo, Richardson (2017, p. 243) defende a ideia de que “toda comunicação que implica a transferência de significados de um emissor a um receptor pode ser objeto de análise de conteúdo”. Pela afirmação é possível

compreender que o autor amplia o campo de utilização da técnica, podendo ser usada em qualquer tipo de comunicação, seja por carta, entrevista, postagens em redes sociais, propagandas, o que importa é que exista uma mensagem e que seja observada uma intenção comunicativa e interpretativa. Ou seja, toda vez que alguém transmite uma mensagem e outra recebe, é provável haver um conteúdo passível de ser estudado, decifrado, categorizado e interpretado.

A Análise de Conteúdo tem como objetivo a compreensão crítica e aprofundada de um material (Bardin, 2016). Na visão da autora essa técnica deve ir além da superficialidade das mensagens, buscando revelar sentidos implícitos, escondidos ou que muitas vezes não aparecem de forma imediata em um texto, o que implica uma postura interpretativa. Assim, compreende-se que a análise de conteúdo não se limita a organização de dados, ao contrário, é uma metodologia que busca interpretar criticamente o que pode estar por trás de uma comunicação, permitindo que o pesquisador vá além do que está explícito.

Para Moraes (1999, p. 8) a análise de conteúdo “ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum”. O que permite compreender que para um pesquisador, a técnica pode vir a representar um método eficaz capaz de explorar com maior profundidade os significados contidos nas mensagens, o que será capaz de possibilitar uma interpretação mais crítica, proporcionando uma visão mais completa do material a ser estudado.

No contexto da Ciência da Informação que é uma área que se dedica aos estudos de produção, disseminação, organização e uso da informação em diferentes contextos, a análise de conteúdo será capaz de ser utilizada como ferramenta metodológica com o objetivo de compreender de que maneira as ferramentas de IA estão reconfigurando as práticas de mediação da informação dos estudantes de Biblioteconomia da UFC.

Sob essa ótica, a Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2016) ocorreu em três fases práticas:

1. Pré-Análise: As 10 entrevistas gravadas foram transcritas na íntegra. Realizou-se a leitura flutuante do *corpus* textual para impregnação do material. Nesta etapa, as transcrições foram organizadas em uma planilha eletrônica, onde cada linha correspondia a um turno de fala do entrevistado (ALU 01 a ALU 10).

2. Exploração do Material: O texto foi fragmentado em unidades de registro, frases ou parágrafos que continham sentido completo relacionado aos objetivos da pesquisa. A partir dessas unidades, foram atribuídos códigos analíticos.

3.Tratamento dos Resultados e Inferência: Os códigos foram agrupados por similaridade semântica, originando as categorias temáticas finais. A inferência foi realizada cruzando as falas dos discentes com o referencial teórico da Ciência da Informação, permitindo ultrapassar a mera descrição e alcançar a interpretação sociotécnica do fenômeno.

Com base nos objetivos deste estudo e no roteiro de entrevista elaborado, foi possível propor as categorias analíticas *a priori*. Elas representam os grandes eixos temáticos que se espera encontrar no *corpus*, mas o pesquisador deve estar sempre aberto a reformulá-las, subdividi-las, ou mesmo a criar novas categorias emergentes que surjam da riqueza das falas dos participantes.

3.7 Aspectos éticos

A pesquisa foi previamente submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa via Plataforma Brasil, sendo aprovada conforme Parecer Consubstanciado do CEP nº 8.370.827, atendendo às exigências éticas para a realização de estudos envolvendo seres humanos.

A participação dos discentes foi voluntária, sem qualquer tipo de coerção, prejuízo acadêmico ou benefício financeiro condicionado. Antes da entrevista, cada participante recebeu o TCLE, contendo objetivos, procedimentos, duração estimada, riscos e benefícios, garantia de confidencialidade e contatos da pesquisadora. Foi assegurado o direito de recusar-se a participar, não responder perguntas específicas e interromper a entrevista a qualquer momento, podendo retirar o consentimento sem necessidade de justificativa.

Para reduzir riscos e proteger os participantes, foram adotadas as seguintes medidas: a entrevista ocorreu em local reservado, garantindo privacidade; o participante foi informado de que pode pular perguntas e interromper a qualquer momento; foi utilizado um roteiro semiestruturado com condução respeitosa, evitando insistência em temas sensíveis; a gravação de áudio só ocorreu mediante autorização, e, se não autorizada, foi feito registro por anotações; os dados foram anonimizados, com remoção de informações que permitam identificação; os arquivos de áudio e transcrições foram armazenados em ambiente seguro, com acesso restrito, proteção por senha e controle de cópias; os dados foram mantidos pelo prazo previsto e, posteriormente, descartados de forma segura.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O *corpus* empírico desta pesquisa foi constituído por entrevistas semiestruturadas realizadas com discentes do Curso de Biblioteconomia da UFC, posteriormente transcritas, revisadas, anonimizadas e organizadas para fins de análise. Após a aplicação dos critérios de inclusão/exclusão e a constatação da saturação teórica, a amostra final foi consolidada em 10 entrevistas, abrangendo estudantes de ambos os sexos e de diferentes semestres do curso, com participação de discentes do primeiro, terceiro, quarto, quinto, sexto e último semestre.

Durante o processo de organização das entrevistas, todas as transcrições foram reunidas e organizadas. Em seguida, a pesquisadora revisou cada uma delas, assegurando sua completude. Em conformidade com os procedimentos éticos e metodológicos definidos no projeto de pesquisa, os participantes foram identificados por códigos alfanuméricos, sendo os seguintes: ALU 01, ALU 02, ALU 03, ALU 04, ALU 05, ALU 06, ALU 07, ALU 08, ALU 09 e ALU 10, preservando-se sua identidade e assegurando a confidencialidade dos relatos.

A análise sistemática conforme Bardin (2016) originou seis categorias temáticas: (1) Perfil dos Participantes e Familiaridade com Tecnologias Digitais, que caracteriza a heterogeneidade do grupo investigado; (2) Experiências e Práticas de Uso da IA e Detecção de Usos Implícitos, que mapeia as ferramentas utilizadas e revela a presença silenciosa da mediação algorítmica; (3) Percepções sobre IA: Benefícios, Limites, Riscos e Desafios, que consolida as avaliações pragmáticas e preocupações dos discentes; (4) Implicações da IA na Mediação da Informação, que articula questões epistemológicas fundamentais sobre a agência não-humana e a mediação; (5) Autonomia e Dependência Informacional, que evidencia o conflito entre produtividade e pensamento crítico; e (6) Ética, Integridade e o Futuro da Formação, que centra a dimensão ética e a necessidade de regulamentação institucional.

Essas categorias permitiram ultrapassar a descrição dos dados para alcançar uma interpretação sociotécnica de como os discentes significam a presença da IA em seu cotidiano acadêmico, expressando simultaneamente adesão pragmática, cautela epistemológica e reconfigurações na compreensão da mediação da informação.

A partir das falas dos discentes, identificou-se um dado que dialoga com os achados de Fortuna *et al.* (2025) e Yarlagadda (2025), os quais apontam para um aumento de até 25% nos benefícios mencionados, sobretudo no que se refere à melhoria da compreensão dos conteúdos. Em contrapartida, os autores Salermo e Santos (2026) levantam uma crítica severa em relação a isso, quando argumentam que essa eficiência imediata ofertada pela IA

pode interromper o processo de pensamento crítico e análise do sujeito, conduzindo a um enfraquecimento cognitivo.

Ao mencionarem que a ferramenta melhora a compreensão de conteúdos, os relatos mostraram consonância com a ideia defendida por Fortuna *et al.* (2025) quando destacou que a IA permite que os alunos estudem de forma independente, utilizando conteúdos que se alinham ao seu ritmo e estilo pessoal. Entretanto, Fortuna *et al.* (2025) chama a atenção para que essa autonomia não seja transformada em dependência na ferramenta e que a mesma seja usada como assistente, e não substituto do esforço humano que reside em pensar, raciocinar e argumentar de forma crítica.

Sobre as discussões acerca das implicações da IA no processo de mediação da informação os relatos expuseram uma concordância entre os discentes em que a presença humana permanece indispensável, mesmo diante dos avanços tecnológicos. Não discordando disso, mas ampliando a discussão Ridha *et al.* (2026) diz que a tecnologia transcende o papel de simples ferramenta técnica para tornar-se um ator comunicativo não humano que reconfigura ativamente as dinâmicas pedagógicas. Também emergiram através das falas dos discentes, críticas aos sistemas tradicionais de recuperação da informação e à insuficiência de disciplinas curriculares voltadas à discussão crítica e estudo da IA.

As falas revelaram um conflito ético por parte dos participantes que expressaram um sentimento de culpa e medo ao usar ferramentas de IA em suas atividades acadêmicas e ainda de forma consensual, declararam uma preocupação como o risco de plágio consciente ou inconsciente. Este sentimento revelado pelos discentes é interpretado por Silva (2024) como uma “nuvem cinzenta” cenário de incerteza, indefinição, e falta de estruturação que envolve a integração da IA na Biblioteconomia, e que impõe a necessidade de se enfrentar os desafios éticos de uso e de segurança de maneira clara.

A relação entre o posicionamento dos discentes sobre a implementação da IA na formação e o que foi registrado na literatura é significativo. Silva (2024) menciona uma defasagem nos currículos de graduação no Brasil, onde a IA raramente aparece. Enquanto isso, Tauil *et al.* (2025) diz que embora a temática da IA esteja crescendo no contexto dos cursos de pós-graduação, a oferta dessas disciplinas ainda não tem acompanhado os estudos e publicações científicas sobre o tema. Adicionalmente, o desejo da maioria dos relatos dos discentes por uma regulamentação institucional de uso da IA é sustentado pelo entendimento de Silva (2024) quando defende a atualização de leis de privacidade e ética para equilibrar os avanços tecnológicos com a proteção da privacidade.

As impressões iniciais orientaram para aprofundamento analítico e contribuíram para a delimitação dos blocos temáticos posteriormente consolidados. As categorias temáticas foram construídas a partir da recorrência de unidades de registro, dos códigos atribuídos às falas e das aproximações de sentido identificadas ao longo da codificação sistemática. Mais do que organizar o material empírico, tais categorias permitiram evidenciar como os discentes significam a presença da IA em seu cotidiano acadêmico, expressando simultaneamente adesão, cautela, utilidade prática, desconforto ético e reconfigurações na compreensão da mediação da informação.

A análise das categorias eleitas para esta pesquisa seguiu o rigor metodológico sugerido por Bardin (2011). Os dados foram organizados em uma planilha, facilitando uma análise estruturada das conexões entre os temas e as respostas dos participantes. As categorias foram eleitas e alinhadas em atendimento aos objetivos deste estudo, e serão detalhadas e discutidas a seguir.

4.1 Perfil dos participantes e familiaridade com tecnologias digitais

A primeira categoria reúne elementos ligados à trajetória acadêmica dos participantes, às áreas de interesse no curso e ao grau de familiaridade com tecnologias digitais. As falas indicam que o grupo investigado não é homogêneo. Há discentes com maior proximidade com recursos tecnológicos e com áreas mais técnicas da Biblioteconomia, ao passo que outros revelam preferência por dimensões mais teóricas, culturais ou mediadoras do campo. Tal diversidade é perceptível na fala dos participantes:

“muito interesse em trabalhar com gestão de dados” (ALU 01)

“Eu gosto muito da representação descritiva, a catalogação...” (ALU 02)

Em outra direção, há quem enfatize trajetórias menos lineares e afinidades menos técnicas, como se observa em ALU 03, ao relatar: *“essa não é minha primeira faculdade”*, e ao acrescentar que prefere a teoria a atividades *“muito tecnológicas”*. É nesse sentido que ALU 03 afirma que *“Absolutamente tudo tem Inteligência Artificial”*, enquanto ALU 04 observa que, no cotidiano acadêmico, *“a gente usa todos os dias”* dispositivos e recursos digitais. Ao mesmo tempo, essa presença constante não implica adesão acrítica nem domínio pleno das ferramentas, mas antes conforma um cenário em que a convivência com a

tecnologia é muitas vezes inevitável, ainda que vivida com diferentes graus de entusiasmo, naturalização ou resistência.

4.2 Experiências e práticas de uso da IA e detecção de usos implícitos

Esta categoria tem relação com o objetivo que buscou identificar as principais ferramentas de IA utilizadas pelos estudantes do Curso de Biblioteconomia da UFC e mapear como elas são empregadas em suas rotinas de estudo e pesquisa. A análise desta categoria revelou que os entrevistados passaram a perceber a IA não mais como um recurso opcional, mas como uma ferramenta tão incorporada ao cotidiano que muitas vezes tornam-se quase imperceptíveis e ao mesmo tempo onipresentes nas demandas do ambiente acadêmico. As finalidades de uso também são diversificadas. Parte dos estudantes emprega a IA para resumir textos, compreender conteúdos complexos, identificar pontos centrais de leituras, buscar informações e apoiar na organização de ideias. ALU 01 sintetiza esse movimento ao afirmar:

“Eu gosto de usar o NotebookLM para fazer as coisas... eu gosto do ChatGPT para tópicos assim, falar de um assunto que eu não entendi às vezes... eu gosto de usar para entender melhor um texto”.

De modo semelhante, ALU 03 explica que utiliza a ferramenta não para substituir a leitura, mas para orientar a compreensão:

“Eu não vou copiar e colar o resumo. Eu vou utilizar para eu me guiar no que o texto fala... e aí se eu quiser fazer um resumo eu volto para o texto”.

As falas indicam, portanto, um uso frequentemente vinculado à mediação cognitiva de conteúdos, à síntese e ao apoio à leitura. Além dessas finalidades mais diretamente ligadas ao estudo, também surgem usos voltados à escrita, à correção gramatical, à formulação de frases, à elaboração de imagens para atividades acadêmicas e à busca mais rápida de informações. Um exemplo aparece em ALU 02, ao relatar:

“Usei agora. Para fazer uma imagem de uma capa de um livro fictício que a gente teve que criar numa disciplina”.

As entrevistas mostraram que vários discentes identificam a presença da tecnologia em tarefas cotidianas sem necessariamente terem escolhido utilizá-la de maneira consciente. Isso se verifica quando ALU 01 afirma: “*O autocompletar? Sim, é porque eu não sei como desativar*”; quando ALU 03 relata que, no Google, lê aquilo que “*aparece*” automaticamente; e quando ALU 07 observa:

“Eu não tinha consciência de que tinha um assistente do meu celular ativo, né? Ele tava ativo e eu não sabia. Não foi algo que eu escolhi”.

De acordo com os relatos a IA não surge apenas como uma ferramenta que escolhemos usar, mas como uma presença silenciosa integrada ao funcionamento de tecnologias digitais modernas. Esta constatação mencionada pelos respondentes sobre a detecção de usos implícitos da IA, relataram a presença da ferramenta sem que a tivessem solicitado, muitas vezes sem conhecimento de que estavam sendo utilizadas ou mesmo sem saber como desativá-las.

Esse fenômeno corrobora a perspectiva de Silva (2009), que define a mediação não como uma ação pontual, mas como algo intrínseco à própria lógica de funcionamento dos sistemas. Observou-se também que diferente das tecnologias como computadores, internet, que atuam primariamente como suporte para ampliar o acesso à informação, a IA se comporta de maneira tão interligada que seu uso ocorre de maneira natural e até mesmo involuntária.

Fica implícito nas falas dos estudantes que para além da eficiência e da facilidade técnica, são expressadas tensões em relação à autonomia e dependência quanto ao uso da IA bem como até que ponto eles podem ter o controle no que se refere ao seu processo de aprendizado e enfraquecimento do pensamento crítico. Ao mesmo tempo em que tem a consciência de que o uso dessas ferramentas tem sido monitorado no ambiente acadêmico, seja pelos docentes, seja de forma institucional. E ainda, foi expressado nos relatos a percepção de risco com alucinações de dados, o que traz um entendimento de que os conteúdos fornecidos exigem um acompanhamento e supervisão humana. Aspecto evidenciado por Franqueira *et al.* (2024), quando diz que a IA deve ser compreendida como uma ferramenta complementar e não substitutiva.

Como também expressado nas falas, a IA tem atuado no contexto acadêmico como ferramenta para buscas e filtragem de conteúdos, bem como ajudado na compreensão de assuntos complexos, porém sua eficácia depende do reconhecimento de que o papel do

estudante e do professor ainda são essenciais para apropriação e validação do conhecimento. Em resumo, as aplicações na prática para o uso da IA no contexto acadêmico expressam um paradoxo pelos estudantes: ao mesmo tempo que fomenta auxílio nas atividades acadêmicas, exigem desafios para necessidade do uso excessivo e confiabilidade nos conteúdos gerados.

Esta categoria evidenciou algumas ferramentas de IA mencionadas pelos discentes e a multiplicidade de finalidades atribuídas a esses recursos no contexto acadêmico. As entrevistas mencionam, de forma recorrente, plataformas como NotebookLM, ChatGPT, Gemini, DeepSeek, Meta AI, recursos do Google, funcionalidades do Google Docs, assistentes incorporados ao WhatsApp, mecanismos de autocompletar, corretores de texto e ferramentas voltadas à geração de imagens, como aquelas utilizadas em atividades envolvendo o Canva. Essa variedade revela que a IA não aparece apenas como um sistema isolado, mas como um ecossistema distribuído em aplicações já incorporadas à rotina estudantil.

4.3 Percepções sobre IA: benefícios, limites, riscos e desafios

A terceira categoria reúne as percepções dos discentes quanto às contribuições da IA para seus processos de aprendizagem. Entre os benefícios mais recorrentes, destacam-se a agilidade na busca por informações, a otimização do tempo, a síntese de conteúdos, o apoio à compreensão de textos e a ampliação do acesso a fontes e referências. Em vários relatos, a IA aparece como recurso que reduz etapas consideradas demoradas ou cognitivamente dispersivas, favorecendo uma entrada mais rápida no conteúdo e oferecendo apoio inicial à organização do estudo. Essa percepção é expressa de maneira direta por ALU 04, ao afirmar:

“Rapidez na resposta. É muito mais rápido do que se eu for realmente entrar em cada base de dados e tentar encontrar aquele artigo”.

Na mesma direção, ALU 03 resume a contribuição prática da ferramenta na expressão *“diminuição do tempo de trabalho a ser feito”*. Já ALU 01 associa a utilidade da IA à localização de respostas específicas e à compreensão do texto, indicando que ela ajuda a identificar *“onde é que está aquilo que você está procurando”*. Tais falas mostram que os discentes valorizam especialmente a capacidade de aceleração do processo de busca e triagem da informação. A análise desta categoria trouxe constatações por parte dos estudantes de uma postura equilibrada e pragmática sobre a utilização da IA no contexto acadêmico. A

ferramenta foi reconhecida por sua utilidade prática, atuando como auxílio para otimizar o tempo e rapidez nas buscas e filtragem de conteúdos.

Os benefícios apontados pelos respondentes corroboram com o referencial teórico desta pesquisa quando cita que a IA como uma ferramenta eficiente para aumentar o acesso à informação e proporcionar que os estudantes obtenham conteúdos de maneira mais rápida, além de ajudar na compreensão de conteúdos. O que vai ao encontro do que Lukin *et al.* (2016) e Woolf (2009) disseram sobre essa capacidade de adaptação ao contexto e de lidar com grandes volumes de dados é o que possibilita experiências de ensino mais adequadas às particularidades de cada aluno.

No entanto, o uso da tecnologia, foi acompanhado de manifestação por parte dos estudantes de uma desconfiança vigilante, pois em suas falas relataram inconsistências em resultados gerados e alucinações de conteúdos, gerando uma insegurança quanto a confiabilidade das informações, reforçando mais uma vez a necessidade de supervisão e curadoria humana.

Alinhada ao objetivo de compreender as percepções dos discentes sobre os desafios e riscos associados ao uso da IA, os estudantes relataram preocupação com o uso da IA ao longo prazo, principalmente do que diz respeito ao enfraquecimento cognitivo e atrofia do pensamento crítico. Observou-se na fala dos respondentes um receio de que a facilidade proporcionada pela IA conduza para uma redução na capacidade de argumentação e para um aprendizado medíocre. Somando-se a isso, a dependência e a perda da autonomia poderá comprometer a independência dos estudantes no processo de construção de conhecimento.

Como foi apontado por Oliveira Filho *et al.* (2024), confiar cegamente nas recomendações da IA pode eximir os indivíduos de sua responsabilidade moral e ética. O que poderá trazer como consequência o plágio, que pode acontecer de forma não intencional, mas muitas vezes por negligência. E por fim, através da análise desta categoria, observou-se nas falas dos respondentes uma tensão implícita entre a busca por resultados rápidos e o medo da perda de habilidades intelectuais fundamentais, pois para os estudantes o grande desafio é manter o equilíbrio entre aproveitar os benefícios do uso da ferramenta com o de comprometer o desenvolvimento intelectual e a autonomia enquanto estudante.

4.4 Implicações da IA na mediação da informação

As falas dos estudantes em relação à análise desta categoria, que tem relação com o objetivo analisar, à luz da CI, como a IA atua como um agente de mediação implícita da

informação, mostram que há uma saturação nos sentidos sobre a presença humana no processo de mediação da informação ser insubstituível, mesmo diante de ferramentas tecnológicas de alto desempenho.

Embora a tecnologia ajude no processo de otimização das atividades no contexto acadêmico, a figura humana é muito importante para ajudar a garantir a confiabilidade no processo de recuperação da informação. Essa percepção corrobora com o pensamento de Almeida Júnior (2015) quando diz que a mediação é uma “ação de interferência, consciente ou não, realizada por um profissional para possibilitar a apropriação da informação pelo sujeito”. Complementarmente, a IA atua como ferramenta de auxílio, mas a “interferência positiva” citada por Gomes (2014) exige um sujeito consciente de seu papel cultural e social, o que a tecnologia ainda não conseguiu alcançar completamente.

Esta categoria reuniu falas que ultrapassam o plano do uso instrumental da IA e alcançam implicações mais relacionadas à mediação da informação e ao papel profissional do bibliotecário. Os dados mostram que os discentes reconhecem que a IA altera as práticas de busca, seleção e acesso à informação, sobretudo ao oferecer respostas imediatas, filtragem automatizada e sugestões personalizadas. ALU 02 resume essa percepção ao dizer: *“Ela filtra o que você quer, né? Acaba sendo uma pesquisa mais rápida”*, enquanto ALU 06 observa:

“Ela muda porque você tem acesso à informação mais rápido. Você não precisa filtrar o que vai pesquisar porque ela vai fazer isso por você”.

Em ambos os casos, a IA aparece como agente que reorganiza as etapas do processo informacional. ALU 03 afirma de modo explícito:

“Não, não substitui o bibliotecário... a IA ela dá uma informação crua ali e não tem análise, não tem nuance”.

Esta fala amplia o debate ao manifestar uma defesa clara para a presença do bibliotecário no processo de mediação da informação, pensamento que se alinha com os aportes teóricos da CI. No entanto, ao dizer que a *“IA dá uma informação crua”* esta afirmação se revela parcialmente verdadeira, pois já existem modelos de IA com um nível elevado de eficiência e *performace*.

Ainda na mesma linha, o mesmo participante acrescenta que *“tem que ter o bibliotecário ali, tipo, passando o olho”*, sublinhando a necessidade de supervisão humana

sobre a informação produzida ou filtrada algorítmicamente. Já ALU 05 reforça essa leitura ao afirmar que a mediação é “*uma coisa muito humana ainda*”, razão pela qual a IA não tomaria o lugar do bibliotecário como mediador. É nesse sentido que ALU 07 sugere que o bibliotecário poderá se tornar “*um especialista em inteligência artificial e utilização da inteligência artificial para a produção acadêmica*”, enquanto outro relato assinala que o profissional pode ser:

“Aquele que ensina como é que eu faço para identificar que essa informação é verdadeira ou não?”.

Diante das falas apresentadas, recorda-se o estudo de Prudencio *et al.* (2025) ao defenderem que o uso da IA tem o potencial de aperfeiçoar os processos de mediação da informação. No entanto, Ribeiro (2024) traz uma reflexão de que embora algumas tarefas possam a vir a ser executadas por não-humanos, a visão social e humanista do mediador é importante em um mundo controlado por algoritmos.

Os relatos apontam ainda sugestões na prática profissional, especialmente na Biblioteconomia, propondo que bibliotecários precisam deixar de ser apenas executores de tarefas manuais para se tornar supervisores críticos no processo de mediação e recuperação da informação. E que utilizem a tecnologia para otimizar os trabalhos técnicos e manuais, possibilitando que o profissional tenha um melhor aproveitamento de seu tempo em tarefas com foco na curadoria de conteúdos.

Este avanço alinha-se à perspectiva pós-custodial de Silva (2009), onde a mediação se expande para ambientes digitais e colaborativos, tornando-se mais dinâmica e participativa. Adicionalmente, a mudança de uma mediação humana para uma algorítmica, conforme destacou Rangel e Martins (2024) exige que o profissional adapte sua forma de trabalhar, mudando algumas práticas e preservando sua capacidade de análise crítica.

A análise desta categoria também evidenciou que a mediação não é uma atividade neutra. Ao apontar as dimensões propostas por Gomes (2014; 2020), dialógica, estética, formativa, ética e política, observa-se que a união dessas perspectivas transfere o foco do objeto, a informação, para o sujeito e a ação. Nesse contexto, pode-se concluir que a IA ajuda no que diz respeito à velocidade no processo de mediação, mas não tem a capacidade técnica e o olhar crítico que estão implícitos ao mediador humano. O que ficou latente nas falas dos estudantes é que a intervenção humana funciona como um filtro necessário para que a

mediação cumpra seu papel de guiar e nortear os processos de busca e uso da informação conforme apontado por Almeida Júnior (2009).

4.5 Autonomia e dependência informacional

A análise desta categoria buscou responder o objetivo discutir tensões entre autonomia e dependência, revelando dilemas quanto ao uso da IA em suas práticas acadêmicas cotidianas. Predominantemente, as falas revelaram de maneira explícita que os estudantes reconhecem que a ferramenta gera uma dependência que pode enfraquecer a autonomia enquanto estudante. Além disso, foi mencionado que apesar da IA ajudar na compreensão de conteúdos mais complexos, isso tem gerado uma dependência deixando os estudantes mais preguiçosos, o que demonstra uma preocupação em estar sempre terceirizando para a ferramenta a função intelectual de pensar do estudante.

O ponto central desta categoria é o conflito entre produtividade e pensamento crítico. Embora a IA facilite nas tarefas acadêmicas e seja reconhecida por sua capacidade de síntese, as falas revelam receio de que ela estimule dependência cognitiva, aprendizagem superficial e enfraquecimento da autonomia. ALU 01 adverte: “*a pessoa tem que pensar*”, acrescentando que, se o estudante se acostuma a “*botar no ChatGPT para fazer o trabalho*”, o processo de aprendizagem fica comprometido. ALU 02, por sua vez, afirma: “*Eu já tive muita dependência. Tô fazendo um detox*”, associando o uso intenso da ferramenta à necessidade de recuperar a própria autonomia intelectual. Em registro semelhante, ALU 04 observa que a IA pode “*deixar a gente preguiçoso*”, justamente por favorecer um funcionamento automático que desestimula a busca, a leitura e ao pensamento crítico.

Esse ponto de vista é intensificado quando se analisa o medo que os estudantes têm de uma atrofia da capacidade cognitiva. Pois a comodidade tecnológica pode representar um desestímulo para o esforço individual que é necessário para o desenvolvimento de habilidades básicas como argumentação, interpretação e pensamento crítico, o que demonstra um risco latente de perdas dessas capacidades que são de grande importância para fortalecer o aprendizado e amadurecimento acadêmico.

Ademais, importante destacar que através das falas dos estudantes o argumento de Oliveira Filho *et al* (2024, p. 1096) é reforçado quando ele disse que “confiar totalmente nas recomendações da IA pode eximir os humanos da responsabilidade moral e ética.” O que implica que a IA seja utilizada de maneira complementar e não substitutiva.

Um dos enunciados mais emblemáticos desse eixo apareceu em ALU 02 e ALU 03, ambos ao afirmarem: *“Me gerou um dado que não existia”*. A desconfiança em relação aos conteúdos produzidos pela IA atravessa parte significativa das falas. ALU 02 afirma: *“Sempre que me entrega algum dado eu vou atrás para ver se é verdadeiro”*, enquanto ALU 03 é ainda mais incisivo:

“O que a IA me dá eu não vou confiar. Então no fim eu vou ter que ler o texto inteiro”.

Importante também perceber de maneira implícita nesta fala que não faz sentido desacreditar na tecnologia sem antes aprender a usá-la. Muitas vezes essa interpretação pode vir de um uso genérico ou superficial que exige do sujeito um letramento digital. Em suma, a análise desta categoria demonstra que a preservação da autonomia do estudante depende de um equilíbrio rigoroso entre o suporte tecnológico e a manutenção do esforço intelectual próprio. A dependência surge quando a facilidade supera o questionamento, reforçando a necessidade de que o uso da IA seja acompanhado por uma vigilância crítica constante para evitar o enfraquecimento das faculdades cognitivas e da autonomia intelectual dos discentes.

4.6 Ética, integridade e o futuro da formação

Por fim, a sexta categoria evidencia que a dimensão ética ocupa lugar central nas percepções discentes sobre o uso da IA. As entrevistas mostram medo de plágio, insegurança quanto à autoria, sentimento de culpa, receio de desonestidade acadêmica e dificuldade em delimitar quando o uso da ferramenta configura apoio legal e quando ultrapassa esse limite. ALU 04 afirma: *“Tento não colocar um texto inteiro de minha autoria lá, porque pode mesclar um texto que eu escrevi com texto de outro autor e isso pode causar problema”*, revelando preocupação com a integridade do próprio texto. ALU 05, por sua vez, sintetiza esse desconforto ao dizer que sente *“medo de usar, e principalmente no copiar e colar”*. Tais falas indicam que a experiência com a IA é acompanhada por forte insegurança normativa e moral.

Essa insegurança decorre, da dificuldade de estabelecer fronteiras claras entre assistência técnica e substituição indevida do trabalho intelectual. ALU 06 formula essa distinção de maneira bastante direta: *“A IA tem que te auxiliar. Só que... se você usar ela para fazer seu trabalho em si, na minha opinião isso já é plágio”*. Em ALU 02 aparece

preocupação semelhante, ao afirmar que *“muita gente vai pedindo para a IA fazer por si mesma”*.

Os relatos também apontam que a preocupação ética não se esgota no plágio, alcançando o enfraquecimento do pensamento crítico e da responsabilidade intelectual. ALU 03 observa que o uso inadequado da IA *“enfraquece a interpretação”*.

Um ponto recorrente nesta categoria é a sugestão de incorporação mais sistemática da IA ao currículo do Curso de Biblioteconomia expressado em um trecho bastante representativo que emergiu da fala de ALU 09 quando ele disse:

“A IA praticamente se tornou uma realidade. Querendo ou não vai ser a realidade de um bibliotecário e eu acho que, assim como muita coisa que devia tá dentro da grade curricular do curso, creio que seria... que é de suma importância estar, principalmente para os bibliotecários futuros.”

Em várias falas, os estudantes defendem a criação de disciplina, conteúdo específico, debates, oficinas ou orientações institucionais para tratar criticamente do tema. ALU 01 argumenta que *“a gente tem que buscar a melhor forma de usar e elaborar... a gente tem que estudar sobre”*; ALU 04 afirma que o tema *“deveria ser discutido e ter uma disciplina só sobre”*; e ALU 07 sustenta que *“a gente precisa realmente de uma disciplina, sobretudo porque grande parte do aprendizado sobre IA vem ocorrendo fora da sala de aula”*. Esses relatos indicam que a formação sobre IA é percebida como lacuna curricular que precisa ser enfrentada de forma crítica, ética e tecnicamente orientada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou investigar a Inteligência Artificial (IA) como ferramenta de mediação da informação a partir das percepções dos discentes do Curso de Biblioteconomia, acerca de seu uso nas práticas acadêmicas à luz da popularização e ampla utilização dessas ferramentas e sua pertinência para uma área ligada à gestão, organização, mediação e disseminação da informação.

A incorporação dessa tecnologia no ensino superior foi constatada como uma realidade que tem redefinido os limites entre humanos e máquinas. Esta afirmação reside nos estudos teóricos que fizeram parte do referencial teórico deste trabalho bem como dos dados coletados através da escuta atenta das falas dos discentes, realizada por meio de entrevistas.

Os resultados obtidos respondem ao objetivo geral da pesquisa ao demonstrar que o uso da IA se integra às práticas de estudo dos discentes do Curso de Biblioteconomia de maneira multifacetada. As falas analisadas mostram que essa influência se manifesta tanto nas contribuições práticas de utilização da IA, como rapidez nas pesquisas, síntese e apoio à compreensão de conteúdos, quanto em seus limites e implicações formativas, especialmente no que se refere à autonomia, ao pensamento crítico, à ética acadêmica e à redefinição da mediação da informação.

No que se refere aos objetivos específicos, o primeiro, que buscou a identificação das ferramentas de IA utilizadas pelos discentes do Curso de Biblioteconomia e às finalidades atribuídas a elas, foi alcançado ao mapear as principais ferramentas mencionadas pelos estudantes, entre elas: NotebookLM, ChatGPT, Gemini, DeepSeek, Meta AI, Google Assistente, recursos do Google, Google Docs, WhatsApp e ferramentas de geração de imagem.

Entre as formas e finalidades de uso, os discentes relataram: resumir textos, pesquisar conteúdos e referências, apoio à leitura, correção gramatical, auxílio em traduções, organização de ideias, produção de imagens e compreensão de conteúdos. Os dados coletados mostraram que os discentes utilizam a ferramenta como auxílio em suas práticas e atividades acadêmicas, encarando-a como uma opção mais rápida em relação a buscadores tradicionais.

O segundo objetivo, compreender as percepções dos discentes sobre os desafios e riscos associados ao uso da IA, foi cumprido ao evidenciar os benefícios percebidos, sobretudo a rapidez, a otimização do tempo, o apoio à compreensão de conteúdos e a ampliação do acesso a fontes. Foram revelados também os desafios, riscos e implicações formativas associadas ao uso da IA, como baixa confiabilidade nos conteúdos, necessidade de

verificação e veracidade dos mesmos, dependência da ferramenta, enfraquecimento da autonomia, risco plágio, insegurança ética e demanda por formação curricular específica.

Sobre analisar, a luz da CI, como a IA atua na prática como um agente de mediação implícita, proposto no terceiro objetivo, a ferramenta já é vista tão integrada às rotinas dos discentes que, nos relatos, foi mencionado que seu uso muitas vezes passa despercebido, ocorrendo de forma automática. Ademais, alguns estudantes relataram desconhecer como faziam para desativá-la.

Sobre o processo de mediação da informação e o papel do bibliotecário, as falas reforçaram que a IA é vista como uma ferramenta de auxílio e suporte para otimizar tarefas manuais, no entanto, há um consenso entre os discentes que a figura do mediador humano permanece insubstituível. Adicionalmente, sugere-se que a prática profissional deveria evoluir para um perfil voltado para curadoria crítica, onde o sujeito humano atue como o validador final dos conteúdos gerados por ferramentas que operam com IA.

Observou-se uma visão equilibrada em relação aos benefícios e riscos do seu uso. Por um lado os discentes expressaram que a IA acelera o aprendizado, ajuda a filtrar conteúdos, mas por outro, desperta preocupações em relação ao enfraquecimento cognitivo, dependência da ferramenta e a redução da capacidade do pensamento e argumentação crítica. A atrofia cognitiva e o plágio mesmo que não intencional, foram os medos mais presentes citados pelos discentes.

Complementando esse entendimento, as inferências trazidas neste trabalho apontaram para a necessidade de uma atenção constante, concluindo que o uso da IA não deve substituir o esforço intelectual dos sujeitos, mas sim funcionar como um assistente acompanhado de supervisão humana capaz de exercer um olhar crítico e ético sobre a informação que é mediada.

Finalmente, para contemplar o último objetivo específico desta pesquisa, que foi discutir as implicações éticas e pedagógicas do uso da IA na formação de futuros profissionais da informação, foi possível apreender dos relatos, tensões entre conflitos e sentimento de culpa. Observou-se um dilema entre os estudantes, que apesar de utilizarem a IA como ferramenta de auxílio em suas atividades acadêmicas, este uso é acompanhado por uma preocupação latente quantos aos riscos de plágio, dependência da tecnologia e enfraquecimento da autonomia e pensamento crítico cognitivo.

Ampliando a discussão os discentes revelaram que ainda não fica claro onde termina o uso legal da ferramenta e onde pode começar a prática da desonestidade. Por isso, eles reconhecem que a IA é uma realidade inevitável na vida acadêmica e que necessita de

regulamentação e vigilância institucional. De forma consensual, manifestou-se o desejo de que a temática fosse integrada institucionalmente à grade curricular do curso, visando sua regulamentação, orientação quanto ao uso legal, mas, sobretudo a compreensão de como essa ferramenta pode agregar ao percurso formativo e aos processos de formação enquanto futuros profissionais.

Diante dos achados deste estudo foi possível concluir que a utilização da IA no contexto acadêmico revelou um ambiente de transição, onde a ferramenta é vista como uma aliada mas ao mesmo tempo traz desafios éticos e cognitivos. Observou-se também um sentimento de constante vigilância, onde os benefícios são contrários pelo receio de dependência e enfraquecimento cognitivo, além do mais os discentes expressaram grande preocupação com a dependência na ferramenta.

No contexto da mediação da informação, a pesquisa concluiu que a ferramenta atua como auxílio nas tarefas acadêmicas, mas que ela não substitui o papel do bibliotecário no processo de mediar a informação até o sujeito. A mediação humana foi retratada como uma ação humana ainda insubstituível. De maneira complementar, foi possível concluir, que a aplicação da IA não só contribui para o desenvolvimento operacional, mas também pode transformar a maneira como a informação é preservada, acessada e compartilhada.

Esta pesquisa trouxe contribuições relevantes, no entanto é importante reconhecer algumas limitações, como o fato de o estudo ter focado na percepção de um grupo específico de discentes de um único curso de Biblioteconomia, o que limita a generalização dos resultados para outras áreas e contextos acadêmicos. Além disso, por ser uma pesquisa qualitativa baseada em entrevistas, os resultados refletiram as opiniões e sentimentos específicos daqueles discentes, não podendo ser aplicados como uma regra universal para todos os estudantes de Biblioteconomia.

Outro ponto importante que pode ser destacado é que a IA evolui tão rápido que as ferramentas citadas pelos discentes podem ter sofrido alterações, fazendo com que as percepções registradas durante a coleta dos dados possam parecer ultrapassadas em um momento posterior.

Para pesquisas futuras, recomenda-se a ampliação do escopo, incluindo bibliotecários já atuantes no mercado, de modo a comparar as percepções acadêmicas com a prática profissional da curadoria crítica. Também seria relevante desenvolver pesquisas que busquem modelos práticos de integração da IA nas grades curriculares, atendendo ao desejo dos discentes e essas investigações poderiam focar na aplicação assistida de ferramentas de IA

nessas disciplinas, permitindo uma avaliação empírica de como essa mediação tecnológica impacta no processo de aprendizagem e a construção do conhecimento.

Ressalta-se que esta pesquisa não propôs trazer verdades absolutas uma vez que os resultados apresentados são pequenos em relação a vasta produção científica já disponível sobre a temática. Ademais, a pesquisadora reitera que objetivo maior foi o de contribuir com as discussões sobre a temática dentro da Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Eduarda *et al.* **Noções gerais de Inteligência Artificial**. Brasília, DF: LAPIN, 2021. 13 p. Disponível em: https://lapin.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Cartilha_Nocoos_gerais_de_Inteligencia_Artificial-1.pdf. Acesso em: 2 abr. 2025
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de.; BORTOLIN, Sueli. Mediação da informação e da Leitura., 2007 . *In*: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2., 2007, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2007. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/13269/>. Acesso em: 29 jun. 2025
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p.89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/170>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que é Ciência da Informação? **Informação & Informação**, v. 19, n. 1, p. 1–30, 2013. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15958>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.
- AROYO, Lora *et al.* Interoperability in personalized adaptive learning. **Educational Technology & Society**, v. 9, n. 2, p. 4-18, 2006. Disponível em: <https://pure.tue.nl/ws/portalfiles/portal/2213764/624346.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.
- BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018. xxii, 238 p. (Série Desafios da Educação).
- BARBOSA, Carlos Roberto de Almeida Correa. Transformações no ensino-aprendizagem com o uso da inteligência artificial: revisão sistemática da literatura. **Recima21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 4, n. 5, e453103, 2023. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/3103>. Acesso em: 03 abr. 2025.
- BARBOSA, Lucia Martins; PORTES, Luiza Alves Ferreira. A Inteligência Artificial. **Revista Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, ano LII, n. 236, p. 7-15, jan./mar. 2023. Disponível em: https://abt-br.org.br/wp-content/uploads/2023/03/RTE_236.pdf. Acesso em: 03 abr. 2025.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BORGES, Luís Cláudio. **Mediação da informação para inclusão social em bibliotecas públicas: experiências nas cidades de São Paulo e Jacareí**. 2021. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1336>. Acesso em: 23 abr. 2026.

BORKO, H. Information Science: What Is It? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.5090190103>. Acesso em: 18 jun. 2025.

BUENO, Silvana Beatriz. Acesso e uso da informação no ambiente educacional: as fontes de informação. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 53–62, 2006. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/464>. Acesso em: 23 maio. 2025.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de gutenbergr a diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 241 p.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 1-22. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 29 jun. 2025.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2007. 162 p.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014. 341 p.

DA SILVA, Fernando Santos.; NUNES, Jefferson Veras.; CAVALCANTE, Lidia Eugênia. O conceito de mediação na Ciência da Informação brasileira: uma análise a partir da BRAPCI. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**. Marília, v. 12, n. 2, p. 33, 2018. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/18169>. Acesso em: 24 jul. 2025.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2007.

DUPLOOY, Eileen; CASTELEIJN, Daleen; FRANZSEN, Denise. Personalized adaptive learning in higher education: a scoping review of key characteristics and impact on academic performance and engagement. **Heliyon**, v. 10, n. 21, p. 39630, nov. 2024. <http://dx.doi.org/10.1016/j.heliyon.2024.e39630>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2405844024156617>. Acesso em: 15 mar. 2025.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: Saraiva, 2017. 200 p. *E-book*. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/home/search/library/titles?q=Fundamentos+de+metodologia>. Acesso em: 3 out. 2025.

FEITOZA JÚNIOR, Luiz Eduardo Ferraz; NASCIMENTO, Emerson Leão Brito do. Reflexão sobre o papel da IA na transformação do ensino e seus possíveis impactos na sociedade. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 17, n. 6, e8519, 3 jun. 2025. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/8519>. Acesso em: 10 jun. 2025.

FIGUEIREDO, Leonardo de Oliveira. *et al.* Desafios e impactos do uso da Inteligência Artificial na educação. **Educação On-line**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 44, p. e18234408, 2023. Disponível em: <https://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/1506>. Acesso em: 24 jun. 2025.

FRANQUEIRA, Alberto da Silva. *et al.* O papel da inteligência artificial no apoio ao ensino personalizado. **Cognitionis Scientific Journal**, v. 7, n. 2, p. e395, 2024. Disponível em: <https://revista.cognitioniss.org/index.php/cogn/article/view/395>. Acesso em: 11 ago. 2025.

FORTUNA, Aprilla. *et al.* Artificial intelligence in personalized learning: a global systematic review of current advancements and shaping future opportunities. **Social Sciences & Humanities Open**, v. 12, 102114, 2025. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2590291125008447>. Acesso em: 30 abr. 2026.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GOMES, Henriette Ferreira. A mediação da informação, comunicação e educação na construção do conhecimento. **Datagramazero: Revista de Ciência da Informação**, Salvador, v. 9, n. 1, p. 1-15, fev. 2008. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/a-mediacao-da-informacao-comunicacao-e-educacao-na-3mialg6sy0.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2025.

GOMES, Henriette Ferreira. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, p. 46–59, 2014. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994>. Acesso em: 20 mar. 2026.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 30, n. 4, p. 1–23, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/57047>. Acesso em: 20 mar. 2026.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa**. 6.ed. São Paulo: Alínea, 2018.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos da metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos da metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Brinquet de Lemos, 2004. 124 p.

LEMES, Victor Aarão; GOMES, Mateus Afonso. O impacto da Inteligência Artificial no ensino e aprendizado: caminhos para a educação do futuro. **Studies in Education Sciences**, v. 5, n. 4, p. 12588, 23 dez. 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/ses/article/view/12588>. Acesso em: 10 abr. 2025.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999. 260 p. (Coleção Trans).

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001. (Coleção Trans).

LOEBLEIN, Geiza Miranda. **Inteligência artificial em bibliotecas: contribuições para as práticas biblioteconômicas e implicações para a formação profissional**. 2025. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/items/8d148257-3d9f-46b9-818e-82c5a0afd1aa>. Acesso em: 3 maio 2026,

LOZADA, Gisele; NUNES, Karina S. **Metodologia científica**. Porto Alegre: SAGAH, 2019. *E-book*.

MACEDO JÚNIOR, Daniel Paiva. **Das ruas às redes: disputa de narrativas e de memória sobre as ocupações universitárias de 2016 no Ceará em tempos de mediação algorítmica**. 2020. 182f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação, Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará,, Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/50938>. Acesso em 5 abr. 2026.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311p.

MATTAR, João; RAMOS, Daniela Karine. **Metodologia da pesquisa em educação: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas**. São Paulo: Edições 70, 2021. *E-book*.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento de disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. 3. ed., atual. e ampl. São Paulo: Atlas, 2015.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p.7-32, 1999. Disponível em: <http://pesquisaemeducacaoufrgs.pbworks.com/w/file/60815562/Analise%20de%20conte%C3%BAdo.pdf>. Acesso em: 22 set. 2025.

MORAN, José Manoel. **Como ver televisão: leitura crítica dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1991. 94 p.

MORAN, José Manoel. **Desafios na educação presencial e a distância**. São Paulo: Paulinas, 2000.

MORAN, José Manoel.; MASETTO, Marcos Tarcísio.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000. 173 p. (Papirus educação).

MORAN, José Manoel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2007. 174 p.

MORAN, José Manoel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21.ed. Campinas: Papirus, 2013. (Papirus educação).

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. *In*: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (org.). **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Ponta Grossa: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. v. 2, p. 15-33. (Coleção Mídias Contemporâneas). Disponível em: https://moran.eca.usp.br/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em: 18 set. 2025.

MORAN, José Manoel. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. *In*: BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello (org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso. 2015. p. 24-41.

MORAN, José Manoel. **Impactos da inteligência artificial na educação**. 2024. Disponível em: <https://moran10.blogspot.com/2024/02/impactos-da-inteligencia-artificial-na.html>. Acesso em: 17 jun. 2025.

OLIVEIRA FILHO, Fernando Luiz Cas de *et al.* Inteligência artificial na educação: uma revisão sistemática e abrangente dos benefícios e desafios. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 1, p. 1086-1102, 12 jan. 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/2258>. Acesso em: 5 ago. 2025.

OLIVEIRA, Júnio Rodrigues de. *et al.* Inteligência artificial na educação: práticas pedagógicas em tempos de disrupção. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 17, n. 6, p. 8510, 3 jun. 2025. <http://dx.doi.org/10.55905/cuadv17n6-003>. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/8510> . Acesso em: 10 jun. 2025.

PENG, Hongchao; MA, Shanshan; SPECTOR, Jonathan Michael. Personalized adaptive learning: an emerging pedagogical approach enabled by a smart learning environment. **Smart Learning Environments**, v. 6, n. 9, 2019. Disponível em: <https://slejournal.springeropen.com/articles/10.1186/s40561-019-0089-y>. Acesso em: 26 jun. 2025.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. A mediação cultural como categoria autônoma. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, p. 1–22, 2014. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19992>. Acesso em: 25 nov. 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo

Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2025. *E-book*.

PRUDENCIO, Dayanne da Silva *et al.* Tecnologias digitais no currículo de Biblioteconomia: análise e debates. *In: ENCONTRO EDICIC IBÉRICO*, 11., 2025, Porto. **Anais [...]**. Porto: Politécnic do Porto / ISCAP, 2025. Disponível em: <https://parc.ipp.pt/index.php/edicic/article/view/6736>. Acesso em: 3 maio 2026.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

RANGEL, Tayná Ladislau; MARTINS, Gracy Kelli. Mediação da informação e mediação algorítmica: relações e aproximações. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 2024. **Anais [...]** XXIV Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2024. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/342315>. Acesso em: 30 jun. 2025.

RIBEIRO, Fernanda. A formação superior em Ciência da Informação face aos desafios da inteligência artificial. **Páginas a&b**: arquivos e bibliotecas, v. 3, p. 53-65, 2024, Número especial, Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasaeb/article/view/14006>. Acesso em: 3 maio 2026.

RIBEIRO, Juliane Portella; MALISZEWSKI, Lenise Szczecinski; MARTINS, Erivanda De Sá Luz. Técnica de amostragem “bola de neve virtual” na captação de participantes em pesquisas científicas. **Journal of Nursing and Health**, v. 14, n. 1, p. e1426636, 26 abr. 2024. Disponível: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/26636>. Acesso em: 3 mar. 2026.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

RIDHA, Muhammad *et al.* The Role of AI as a Communication Mediator in the Learning Process. **Pustaka Edukasi**: Jurnal Pendidikan Indonesia, v. 1, n. 2, p. 73-83, 2026. Disponível em: <https://publications.corejournal.com/index.php/pendidikan/article/view/80>. Acesso em: 30 abr. 2026.

SALERMO, Evandro Carlos; SANTOS, Luciano Rodrigues. Implicações pedagógicas, subjetivas e epistemológicas do ChatGpt na Educação. **Revista Tópicos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 30, p. 1-28, 2026. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/implicacoes-pedagogicas-subjetivas-e-epistemologicas-do-chat-gpt-na-educacao>. Acesso em 30 abr. 2026.

SCHNEIDER, Fernanda. Otimização do espaço escolar por meio do modelo de ensino híbrido. *In: BACICH*. Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello. (org.). **Ensino híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso. 2015.

SILVA, Alessandro Siqueira da; ALARCÃO, Davi Taveira Alencar; FARIA, Syd Pereira. A inteligência artificial como facilitadora no ensino personalizado: potencialidades e desafios no contexto educacional brasileiro. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e**

Educação, v. 11, n. 6, p. 3474-3499, 17 jun. 2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/19991>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SILVA, Armando Malheiro da. Mediações e mediadores em Ciência da Informação. **Prisma.com**, n. 9, p. 68–104, 2009. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/2057>. Acesso em: 23 mar. 2025.

SILVA, Andressa Henning; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**. v. 17, n. 1, p. 1-14, 2015. Disponível em: https://revista.uepb.edu.br/QUALITAS/pt_BR/issue/archive. Acesso em: 11 out. 2025.

SILVA, Janete Fernandes. A integração da inteligência artificial na Biblioteconomia: um caminho em construção. **Código 31**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 26-46, jan./jun. 2024. Disponível em: <https://revista.fumec.br/index.php/codigo31/article/view/9842>. Acesso em 03 maio 2026.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Percepções conceituais sobre mediação da informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, Brasil, v. 6, n. 1, p. 93–108, 2015. Disponível em: https://revistas.usp.br/incid/pt_BR/article/view/89731. Acesso em: 21 fev. 2026.

SILVA, Josué Jorge Gonçalves da; OLIVEIRA, Michelle Leandro de; SILVA, Wandemberg da. Tecnologias Educacionais e Personalização do Ensino: desafios e oportunidades. **RCMOS: Científica Multidisciplinar O Saber**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-7, 19 jul. 2024. Disponível em: <https://submissoesrevistarcmos.com.br/rcmos/article/view/576>. Acesso em: 30 jul. 2025.

SILVA, Keila Ramos da. Inteligência artificial e seus impactos na educação: uma revisão sistemática. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 4, n. 11, p. e4114353, 2023. Disponível em: <https://recima21.com.br/recima21/article/view/4353>. Acesso em: 09 abr. 2025.

SILVA, Zenaide Carvalho da. **Adaptação de apresentação de conteúdos de objeto de aprendizagem considerando estilos de aprendizagem**. 2017. 225 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Informática, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/49525/R%20-%20T%20-%20ZENAIDE%20CARVALHO%20DA%20SILVA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 jun. 2025.

SILVEIRA, Antônio Cláudio Jorge da; VIEIRA JÚNIOR, Niltom. A inteligência artificial na educação: utilizações e possibilidades. **Revista Interterritórios**, Caruaru, v. 5, n. 8, p. 206-217, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/interterritorios/article/view/241622>. Acesso em: 8 maio 2025.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-44.

SOUSA JÚNIOR, Manoel Bezerra de; NUNES, Jefferson Veras; FARIAS, Maria Giovanna Guedes. Mediação algorítmica e a intervenção em fluxos informacionais. **Biblionline**, João Pessoa, v. 21, n. 1, p. 1-19, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/72529>. Acesso em: 6 abr. 2026.

SPERB, Nanachara; SPERB, Guilherme Filipi. Influência algorítmica: como os algoritmos de IA moldam a visibilidade e o engajamento de conteúdo nas redes sociais. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 48., 2025, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: Intercom, 2025. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/23/0621202519181768572fa9a68b7.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2026.

SUNAGA, Alexandro; CARVALHO, Camila Sanches de. As tecnologias digitais no ensino híbrido. *In: BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello. (org.). Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.

TAUIL, Júlio César Silveira; FERREIRA, Eduarda Adiemla; BERTI, Ilemar Christina Lanson Wey; PALETTA, Francisco Carlos; CONTANI, Miguel Luiz. Inteligência Artificial na Ciência da Informação: uma análise das ementas das disciplinas nos Programas de Pós-Graduação. **ISKO Brasil**, n. 8, p. 1-11, 2025. Disponível em: <https://isko.org.br/ojs/index.php/iskobrasil/article/view/94>. Acesso em: 3 maio. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária. **Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza: Biblioteca Universitária, 2013. Disponível em: <https://biblioteca.ufc.br/wp-content/uploads/2019/10/guia-de-citacao-06.10.2019.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2025.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WATARI, Angela Vicente Alonso; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. A mediação da informação no contexto escolar: uma abordagem nas tecnologias digitais de informação e comunicação. **Biblioteca Escolar em Revista**, São Paulo, Brasil, v. 8, n. 2, p. e-190615, 2022. DOI: 10.11606/issn.2238-5894.berev.2022.190615. Disponível em: https://revistas.usp.br/berev/pt_BR/article/view/190615. Acesso em: 9 mar. 2026.

YARLAGADDA, Krishna Chaitanya. AI in Education: Personalized Learning and Intelligent Tutoring Systems. **European Journal of Computer Science and Information Technology**, v. 13, n. 32, p. 15-27, 2025. Disponível em: <https://ejournals.org/ejcsit/vol13-issue32-2025/ai-in-education-personalized-learning-and-intelligent-tutoring-systems/>. Acesso em 30 abr. 2026.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Bloco 1: Perfil e Contexto Inicial (Abertura)

1. Para começar, fale um pouco sobre você e sua trajetória no curso de Biblioteconomia. Em que semestre você está? O que mais lhe interessa na área? Existe alguma disciplina ou tema que você mais gostou até agora? Por quê?
2. De modo geral, como você descreveria sua relação com as tecnologias digitais (computadores, internet, softwares) no seu dia a dia acadêmico? Você se considera uma pessoa que adota novas tecnologias com facilidade? Por quê? Você costuma ajudar colegas com dificuldades em tecnologia?

Bloco 2: Conhecimento e Primeiro Contato com a IA

1. Quando falamos em "Inteligência Artificial", o que vem à sua mente? O que você entende por esse termo? Onde você costuma ouvir ou ler sobre Inteligência Artificial (mídia, professores, amigos)? Antes de usar, você tinha alguma opinião formada sobre IA?
2. Você se lembra qual foi a primeira vez que usou uma ferramenta de IA (como o ChatGPT, Gemini, Copilot, etc.) para uma atividade da faculdade? Como foi essa experiência? O que te motivou a experimentar? Foi por curiosidade, indicação de alguém, necessidade de uma tarefa específica? Qual foi sua primeira impressão?

Bloco 3: Experiências e Práticas de Uso da IA nos Estudos - Uso Geral de IA e detecção de usos implícitos

1. Atualmente, quais ferramentas de IA você utiliza com mais frequência para seus estudos? E para quais tipos de tarefas acadêmicas você costuma usá-las? (ex: para ter ideias de temas, resumir um texto, para correção gramatical). Existe alguma ferramenta que você experimentou e não gostou? Por quê?
2. Pensando em uma semana típica de estudos, com que frequência você diria que recorre a essas ferramentas? É um uso diário, semanal, ou apenas para trabalhos específicos? O uso aumentou ou diminuiu desde que você começou?
3. Você usa algum assistente virtual no celular ou computador para ajudar com tarefas acadêmicas, como Siri, *Google Assistant* ou Alexa?

4. Detecta usos implícitos via comandos de voz para resumos ou explicações?
5. Com que frequência você copia e cola trechos de respostas geradas por chatbots online (como ChatGPT, Grok ou similares) em suas atividades acadêmicas?
6. Quais ferramentas você usa para corrigir gramática ou reescrever frases em redações de textos?
7. Você ativa sugestões automáticas de texto ao digitar no celular ou apps como WhatsApp, Gmail ou Notes para completar frases em resumos ou anotações?
8. Captura autocompletar com IA, comum sem percepção consciente. Já usou o modo “ajuda me a escrever” ou “gerar ideias” em navegadores como Google Chrome ou Edge para pesquisas escolares?
9. Em quantos trabalhos recentes você inseriu imagens ou diagramas gerados automaticamente por ferramentas online (ex.: buscas no Google com IA ou Canva Magic Studio)?

Bloco 4: Percepções sobre Contribuições e Limites da IA

1. Na sua opinião, quais são as maiores contribuições ou benefícios que o uso da IA trouxe para o seu processo de aprendizagem? Você acha que a IA te ajuda a aprender melhor ou mais rápido? De que forma? Você poderia me contar uma situação em que a IA foi especialmente útil?
2. E quais são os principais limites, riscos ou dificuldades que você percebe ao usar a IA para fins acadêmicos? Você já teve problemas com informações erradas ou de baixa qualidade geradas pela IA? Existe alguma tarefa acadêmica para a qual você acha que a IA mais atrapalha do que ajuda?

Bloco 5: IA, Mediação da Informação e Autonomia

1. Como futuro(a) bibliotecário(a), como você vê o papel da IA na busca e no acesso à informação? Ela muda a forma como você pesquisa? Você confia mais nos resultados de uma busca no Google, em uma base de dados da biblioteca ou em uma resposta do ChatGPT? Por quê? A IA substitui ou complementa o papel do bibliotecário na mediação?
2. Pensando na sua autonomia como estudante, você sente que a IA fortalece sua capacidade de estudar sozinho(a) ou cria um risco de dependência da ferramenta? Você acha que o uso

constante da IA pode enfraquecer alguma habilidade sua (como a escrita, a pesquisa, o pensamento crítico)? Como você faz para não se tornar dependente da ferramenta?

Bloco 6: Ética, Integridade e o Futuro da Formação

1. Muito se discute sobre ética no uso da IA, especialmente sobre questões de plágio e autoria. Como você lida com isso nos seus trabalhos? Onde você acha que está a fronteira entre usar a IA como apoio e cometer plágio? Os professores costumam conversar com vocês sobre isso?
2. Olhando para o futuro, qual você acha que deveria ser o papel da IA na formação em Biblioteconomia? O curso deveria abordar mais esse tema? Você gostaria de ter disciplinas ou workshops sobre o uso crítico e técnico de IA?
3. Há mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar sobre sua experiência com a Inteligência Artificial que eu não tenha perguntado?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) ERIKA LEITE FERNANDES como participante da pesquisa intitulada INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FERRAMENTA DE MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO: PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA DA UFC SOBRE SEU USO NAS PRÁTICAS ACADÊMICAS. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar como o uso da Inteligência Artificial se integra às práticas de estudo dos discentes do Curso de Biblioteconomia, considerando suas contribuições, limites e implicações para a formação acadêmica. E como objetivos específicos: identificar as principais ferramentas de IA utilizadas pelos estudantes de Biblioteconomia da UFC e mapear como elas são empregadas em suas rotinas de estudo e pesquisa; compreender as percepções dos discentes sobre os desafios e riscos associados ao uso da IA; analisar, à luz do referencial da Ciência da Informação, como a IA atua na prática como um agente de mediação implícita, interferindo na organização, acesso e apresentação da informação; discutir as implicações éticas e pedagógicas do uso da IA na formação de futuros profissionais da informação, especialmente no que tange ao desenvolvimento da autonomia ou da dependência informacional.

Se você aceitar participar, será agendada uma entrevista presencial ou remota, semiestruturada, em local reservado dentro da universidade ou via plataforma de videoconferência, para garantir privacidade e conforto. A entrevista terá duração aproximada de 30 a 60 minutos, podendo variar conforme sua disponibilidade e a quantidade de informações que desejar compartilhar. Durante a entrevista, você será convidado(a) a falar sobre sua experiência com IA no contexto acadêmico, por exemplo: quais ferramentas utiliza, para que finalidades, com que frequência, o que considera positivo, quais dificuldades percebe e como avalia o impacto no seu aprendizado e na sua produção acadêmica.

Antes de iniciar a entrevista, você receberá o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para leitura e assinatura, podendo tirar dúvidas. Somente após sua concordância e assinatura do TCLE a entrevista será iniciada. A entrevista poderá ser gravada em áudio apenas se você autorizar; caso não autorize, a pesquisadora fará anotações durante a conversa. Após a coleta, a entrevista será transcrita e as informações serão organizadas para análise, preservando sua identidade.

Os benefícios são predominantemente indiretos. Espera-se que o estudo contribua para: (a) ampliar a compreensão sobre como a IA tem sido utilizada por discentes no processo de ensino-aprendizagem; (b) identificar benefícios, limites e desafios percebidos; (c) fortalecer reflexões sobre autonomia, personalização e competências digitais/informacionais na formação em Biblioteconomia; e (d) subsidiar discussões e recomendações para o uso crítico, ético e pedagógico da IA no ambiente universitário e na mediação da informação e do conhecimento.

Trata-se de um estudo de risco mínimo, porém podem ocorrer: desconforto emocional leve ao relatar experiências e opiniões sobre o uso de IA; cansaço durante a entrevista;

constrangimento ao abordar temas como integridade acadêmica/autoria; e risco ético de quebra de sigilo/confidencialidade, especialmente por identificação indireta em relatos com detalhes pessoais ou acadêmicos. Também há risco relacionado à gravação de áudio, caso haja acesso indevido ao arquivo.

As informações coletadas serão utilizadas somente para esta pesquisa e para fins acadêmicos relacionados a ela, sempre mantendo o sigilo e sem qualquer identificação nominal dos participantes. A pesquisadora compromete-se a utilizar o material coletado exclusivamente para os objetivos deste estudo. Os dados serão armazenados de forma segura, e qualquer divulgação de resultados será feita de modo agrupado e/ou com falas identificadas apenas por código.

Sua participação é totalmente voluntária. Você não receberá nenhum pagamento por participar da pesquisa, assim como não haverá custos financeiros para você. Você poderá desistir a qualquer momento, sem precisar justificar a decisão e sem sofrer qualquer prejuízo acadêmico.

Caso você tenha dúvidas sobre a pesquisa, procedimentos, seus direitos como participante ou queira informações adicionais, você poderá entrar em contato com o(a) pesquisador(a) responsável e/ou com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) indicado no TCLE.

Informamos que, a qualquer momento, o participante poderá recusar a continuar participando da pesquisa e que também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. Garantimos ainda que todas as informações obtidas por meio de sua participação serão tratadas com sigilo/confidencialidade e não permitirão sua identificação. Os resultados da pesquisa poderão ser publicizados sem identificação dos participantes.

Endereço d(os, as) responsável(is) pela pesquisa:

Nome: Erika Leite Fernandes

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Endereço: Av. da Universidade, nº 2762, Bloco Ícaro de Souza, 2º andar, sala 3

Telefones para contato: 85-9626-9181

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da CEP/UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: (85)3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

O abaixo assinado _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Fortaleza, ____/____/____

Nome do participante da pesquisa	Data	Assinatura
Nome do pesquisador	Data	Assinatura
Nome da testemunha	Data	Assinatura
(se o participante não souber ler)		
Nome do profissional que aplicou o TCLE	Data	Assinatura

ANEXO A – PARECER SUBSTANCIADO DO CEP

CENTRO UNIVERSITÁRIO
PITÁGORAS DE FORTALEZA -
UNIPITÁGORAS

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE DISCENTES DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA EM UMA UNIVERSIDADE FEDERAL

Pesquisador: ERIKA LEITE FERNANDES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 97326026.9.0000.8367

Instituição Proponente: Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação- PPGCI UFC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 8.370.827

Apresentação do Projeto:

Este projeto de pesquisa investiga o uso da Inteligência Artificial (IA) no processo de ensino e aprendizagem de discentes do Curso de Biblioteconomia em uma universidade federal, considerando o avanço e a popularização dessas tecnologias no contexto educacional e sua pertinência para uma área diretamente relacionada à gestão, organização, mediação e disseminação da informação. Nesse cenário, a IA tem sido incorporada por estudantes como suporte para estudo, escrita acadêmica, busca e síntese de conteúdos, o que torna relevante compreender suas contribuições, limites e implicações para a formação em Biblioteconomia e para as discussões no campo da Ciência da Informação.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral é analisar como o uso da IA influencia o processo de ensino e aprendizagem de discentes do Curso de Biblioteconomia em uma universidade federal, com atenção às percepções sobre autonomia, personalização do estudo, benefícios e desafios associados ao seu uso.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios foram bem ponderados no projeto e no arquivo em separado.

Endereço: Rua Barão de Aratânia, 51 - Bloco A, térreo, sala próxima as coordenações.
Bairro: CENTRO **CEP:** 60.035-110
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3402-0901 **E-mail:** cep.fortaleza@kroton.com.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
PITÁGORAS DE FORTALEZA -
UNIPITÁGORAS**



Continuação do Parecer: 6.370.827

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é pertinente e atual, merece avançar.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Riscos e benefícios: sem pendências.

TCLE: sem pendências.

Cronograma e orçamento: sem pendências.

Folha de rosto: sem pendências.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está apto a ser iniciado

Considerações Finais a critério do CEP:

Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios da pesquisa, por meio da plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório" para que sejam devidamente apreciadas no CEP, conforme Resolução CNS nº 466/12, item XI.2.d e Resolução CNS nº 510/16, art. 28, item V.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2741737.pdf	24/03/2026 09:11:48		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_TCLE.pdf	24/03/2026 09:11:28	ERIKA LEITE FERNANDES	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMAcep.pdf	24/03/2026 09:11:17	ERIKA LEITE FERNANDES	Aceito
Orçamento	DECLARACAO_DE_ORCAMENTO_FINANCEIROcep.pdf	24/03/2026 09:11:06	ERIKA LEITE FERNANDES	Aceito
Outros	CARTA_SOLICITANDO_APRECIACAO.pdf	24/03/2026 08:39:30	ERIKA LEITE FERNANDES	Aceito
Outros	CurriculoErikaLeiteFernandes.pdf	24/03/2026 08:37:07	ERIKA LEITE FERNANDES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_DOS_PESQUISADORES_ENVOLVIDOS_NA_PESQUISA.pdf	24/03/2026 08:36:37	ERIKA LEITE FERNANDES	Aceito
Outros	TERMO_DE_COMPROMISSO_PARA_UTILIZACAO_DE_DADOS.pdf	24/03/2026 08:35:36	ERIKA LEITE FERNANDES	Aceito
Projeto Detalhado	PROJETO_CEP.pdf	24/03/2026	ERIKA LEITE	Aceito

Endereço: Rua Barão de Axtanha, 51 - Bloco A, térreo, sala próxima as coordenações.

Bairro: CENTRO CEP: 60.035-110

UF: CE Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3402-0901

E-mail: cep.fortaleza@kroton.com.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
PITÁGORAS DE FORTALEZA -
UNIPITÁGORAS**



Continuação do Parecer: 8.370.827

/ Brochura Investigador	PROJETO_CEP.pdf	08:34:00	FERNANDES	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoPlataformaBrasil.pdf	24/03/2026 08:33:07	ERIKA LEITE FERNANDES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AUTORIZACAO_DO_LOCAL_DE_REALIZACAO_DA_PESQUISA_assinado.pdf	02/03/2026 08:57:31	ERIKA LEITE FERNANDES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 21 de Abril de 2026

Assinado por:

**FRANCISCO LUCAS FAUSTINO DO NASCIMENTO
(Coordenador(a))**

Endereço: Rua Barão de Aratanha, 51 - Bloco A, térreo, sala próxima as coordenações.

Bairro: CENTRO CEP: 60.035-110

UF: CE Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3402-0901

E-mail: cep.fortaleza@kroton.com.br